

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

Nathália Santos de Castro

**CHE GUEVARA VAI AO CINEMA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Orientador: Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha

CATALÃO
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

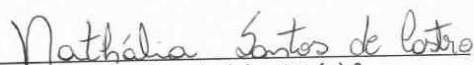
Nome completo do autor: Nathália Santos de Castro

Título do trabalho: Che Guevara Vai ao Cinema: Possibilidades e Perspectivas para o Ensino de História

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 27 / 12 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

Nathália Santos de Castro

**CHE GUEVARA VAI AO CINEMA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão, como requisito para a obtenção de Título de Mestre em História (Linha de Pesquisa: Cultura, linguagens e Ensino de História).

Orientador: Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha

CATALÃO-GO
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos de Castro, Nathália

Che Guevara Vai ao Cinema: Possibilidades e Perspectivas para o Ensino de História [manuscrito] / Nathália Santos de Castro. - 2016. 93 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2016. Bibliografia. Anexos.

1. Che Guevara. 2. Revolução Cubana. 3. Cinematografia. 4. Ensino de História. I. Nascentes da Cunha, Getúlio, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 15

Aos três dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete realizou-se, na sala 11 do Bloco C da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado “*Che Guevara vai ao cinema: possibilidades e perspectivas para o ensino de História*”, de autoria da mestranda Nathália Santos de Castro. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Prof. Dr. Getúlio Nascentes Cunha, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profª. Dra. Márcia Pereira dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. Wolney Honório Filho, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às treze horas e trinta minutos, sendo presidida pelo Professor Getúlio Nascentes Cunha (orientador) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos três dias do mês de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Getúlio Nascentes Cunha (Orientador/ UFG/RC)

Profª. Dra. Márcia Pereira dos Santos (UFG/RC/PPGH-MP)

Prof. Dr. Wolney Honório Filho (PPGE/UFG/RC)

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.

Hannah Arendt.

Dedico este trabalho à minha mãe – Suely – que sempre acolheu com alegria meus momentos de impaciência e meus cansaços diante das dificuldades encontradas, me dando força, me incentivando cada dia mais a alcançar meu sucesso. E aos meus irmãos que sempre estão ao meu lado, me incentivando e dando força para atingir o ápice de meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou nas decisões que foram por mim tomadas para aquisição de mais conhecimento. Em especial minha mãe – Suely – que mesmo com tantas dificuldades passadas ao longo da vida, conseguiu criar três filhos de igual maneira, apoiando em todas as decisões que tomamos e estando ao lado sempre com um sorriso no rosto. Em memória de meu pai – Edmar – que não se encontra em nosso meio, mas permanece vivo em nossas memórias e tenho certeza que estaria feliz com essa conquista.

Agradeço aos novos amigos de mestrado, em especial à Isabel que com sua simplicidade capaz de conquistar o mundo, pôde conquistar um laço de confiança e amizade comigo, tivemos o prazer de compartilhar quartos em viagens em prol do mestrado. Com um carinho especial a Marta Helena que sempre me auxiliou nas horas de dificuldade, me ajudando no início de minha carreira como docente e me dando o prazer de realizar uma oficina ao seu lado.

Ao meu orientador Getúlio, que embora o excesso de trabalho do dia a dia, sempre com muita paciência esteve me auxiliando e me orientando da melhor maneira possível. Sei que não sou fácil e um pouco enrolada, porém ele com sua enorme dedicação estava ao meu lado, me apoiando e cobrando o texto.

À professora Dra. Márcia Pereira dos Santos que sempre nos inspira por meio de sua dedicação a sermos pessoas firmes em nossas decisões. Tive o prazer de dividir uma mesa redonda ao seu lado, e apesar de meu nervosismo – por ser a primeira vez a falar em público – com tamanha serenidade estava lá para dizer que tudo daria certo.

De forma geral agradeço ao programa de Pós – Graduação e aos professores nele inseridos, que de alguma forma contribuíram para meu crescimento intelectual e por estar alcançando mais uma etapa desejada em minha formação.

Com carinho aos professores da Ueg – Pires do Rio, que me incentivaram a tentar o mestrado, sempre confiantes em um potencial que eu não esperava possuir. Em especial ao professor Rubislei Sabino da Silva e à querida Marilena Julimar

Fernandes, a qual pude chamar de professora (des)orientadora na graduação. Sempre sou bem recebida na instituição a qual devo agradecimentos pela minha formação.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós – Graduação e todos os professores a ele ligados, que de alguma forma contribuíram para meu crescimento intelectual. Orgulho-me de estar fazendo parte da primeira turma deste mestrado, o qual foi conquistado com muita dedicação de todos e luta por um melhor conhecimento.

RESUMO

Este texto esboça o desenvolvimento de nossa pesquisa contida no Programa de Pós-graduação em História – Mestrado Profissional da UFG – Regional Catalão. Nosso tema de pesquisa foi o uso do cinema em sala de aula como um auxílio didático trabalhando em específico a história de Che Guevara, mostrando como sua história está inserida em dois livros didáticos – em específico – e ainda nas biografias de Jorge Castañeda – “Che Guevara: a vida em vermelho” (2006) e de Jon Lee Anderson – “Che Guevara: uma biografia” (1997). Nosso objetivo geral será a mudança no ensino de História, pensando como as imagens e os filmes podem trazer uma percepção diferente da história de Che Guevara e ainda, em um campo mais complexo, a História da Revolução Cubana. Um dos principais problemas que emergiu durante nossa pesquisa pode ser explanado pela seguinte pergunta: como o professor de História pode ensinar o contexto da Revolução Cubana por meio das imagens de Che Guevara e os filmes propostos? Vale ressaltar que os filmes a serem trabalhados em nossa pesquisa foram “Che Guevara – O Argentino” e “Che Guevara – A Guerrilha” ambos dirigidos por Steven Soderbergh do ano de 2008. As várias faces de Che Guevara nos permite fazer um questionamento do personagem, nos permitindo apresentar uma história mais coletiva. Foram feitas várias construções em relação a Che Guevara, ora sendo apresentado como um herói e ora como um homicida. Deve-se atentar que existe algumas apropriações tanto da direita quanto da esquerda que contribui para construção dessas diversas faces. A partir de então, o professor irá apresentar aos alunos as diversas formas de compreender a História bem como fazer o aluno perceber que ele é também um construtor da história.

Palavras-chave: Che Guevara; América Latina; Revolução Cubana; Cinematografia.

ABSTRACT

This text outlines the development of our research contained in the Postgraduate Program in History - Professional Masters of UFG – Catalão/Go. Our research theme was the use of cinema in the classroom as a didactic aid working in specific the history of Che Guevara, showing how his history is inserted in two textbooks - in specific - and still in the biographies of Jorge Castañeda - "Che Guevara: Life in Red "(2006) and Jon Lee Anderson - " Che Guevara: A Biography "(1997). Our general objective will be to change the teaching of History, thinking how the images and the films can bring a different perception of the history of Che Guevara and also, in a more complex field, the History of the Cuban Revolution. One of the main problems that emerged during our research can be explained by the following question: how can the history teacher teach the context of the Cuban Revolution through the images of Che Guevara and the proposed films? It is worth mentioning that the films to be worked on in our research were "Che Guevara - The Argentine" and "Che Guevara - The Guerrilla" both directed by Steven Soderbergh of the year 2008. The various faces of Che Guevara allows us to question the character, Allowing us to present a more collective story. Several constructions were made regarding Che Guevara, now being presented as a hero and now as a homicide. It should be noted that there are some appropriations from both the right and the left that contribute to the construction of these various faces. From then on, the teacher will introduce students to the various ways of understanding History as well as making the student realize that he is also a builder of history.

Key words: Che Guevara; Latin America; Cuban Revolution; Cinematography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 01.	
Elementos para Construção de um Diálogo em Sala de Aula.....	25
1.1. A figura de Ernesto “Che” Guevara e a Revolução Cubana.....	26
1.2. Apropriações da Direita e da Esquerda.....	33
1.3. Problemas no ensino de América Latina e da Revolução Cubana.....	44
1.4. As diversas faces de Che Guevara.....	59
CAPÍTULO 02.	
Che no Cinema: Do Argentino ao Guerrilheiro.....	63
2.1. O Cinema e o Ensino de História.....	63
2.2. Che o Argentino e Che a Guerrilha.....	69
Conclusão.....	83
Anexo I.....	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir o uso de filmes para ensinar a história da Revolução Cubana e a figura de Ernesto Che Guevara. Especificamente, utilizaremos os filmes “*Che – O Argentino*” e “*Che – A Guerrilha*”¹ como ferramenta para pensar questões relativas ao ensino sobre a Revolução Cubana, em especial a figura de Che Guevara, que demanda um trabalho historiográfico minucioso, pois encontramos várias faces em diferentes períodos, ou seja, há uma construção sobre o Che Guevara carregada de sentidos do presente. Em outras palavras, teremos como foco diferentes possibilidades de se ensinar História a partir dos filmes citados. Espera-se, com essa pesquisa, alcançar alguns objetivos, como apresentar possibilidades para as aulas de História, e, mais especificamente, a história de um de seus personagens - Che Guevara.

Uma das questões que emergiu durante a realização de nossa proposta foi a possibilidade de se encontrar tamanha diversidade de imagens em relação a Ernesto Che Guevara. Assim, para pensarmos a questão do ensino, foi necessário também ponderar sobre o imaginário constituído acerca de Che. Tendo em vista esse problema procuramos nos embasar em algumas obras que abordam a vida de Che Guevara de modo a refletir sobre a diversidade de faces existentes para uma mesma pessoa. Dentre as obras, destacamos “*Che Guevara: Uma Biografia*” de Jon Lee Anderson (1997). Esta obra propiciará um estudo mais minucioso sobre a vida de Che Guevara, já que o autor, um jornalista, dedicou cinco anos de pesquisa e acompanhou Che Guevara em parte de sua vida pública.

Além desta obra, podemos mencionar o trabalho de Jorge Castañeda (2006) intitulado “*Che Guevara: a vida em vermelho*”, em que o autor trás uma imagem “heroica” de Che, ressaltando também o período de morte e pós-morte do personagem. Relata, ainda, que Che morreu no momento certo para ser conhecido nos dias atuais. Outra obra a ser utilizada será “*Meus 13 dias com Che Guevara: o homem-mito que*

¹ Ambos os filmes são do ano de 2008, sob direção de Steven Soderbergh, tendo como protagonista: Benício Del Toro.

conheci” de Flávio Tavares (2013)². Esta obra apresenta o resumo do encontro entre o jornalista e Che Guevara, no qual o autor relata alguns passos dados por Che Guevara e o toma como herói. Para a análise dos filmes já mencionados utilizaremos o livro de Marcos Napolitano “Como usar o cinema na sala de aula”, do ano de 2013. O livro se torna importante para o nosso trabalho, visto que o autor aborda a temática do ensino e nos propicia um caminho com algumas instruções para se trabalhar o filme em sala de aula.

Um conceito importante para o presente trabalho é o de imaginário. Há uma construção de imaginário por diferentes grupos, vale salientar aqui, que a figura de Che Guevara recebe várias concepções, explicações e atributos. Isso é um elemento fundamental para entender as diversas imagens atribuídas a Che, bem como sua veiculação nas aulas de História. O imaginário pode ser entendido, também, como uma forma de representação. É fazer presente um algo ausente. Segundo Sandra Pesavento (1995), “o imaginário, enquanto representação, revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente. É, pois, epifania, aparição de um mistério, de algo ausente e que se evoca pela imagem e discurso.” (p. 16)

Além do conceito de imaginário, torna-se necessário realizar uma discussão acerca de um viés ideológico provocado pela apropriação/discurso sobre o imaginário da direita e da esquerda em relação ao Che. Tais conceitos irão permitir um melhor entendimento sobre as construções imagéticas de Che Guevara.

A principal problemática desta pesquisa pode ser expressa a partir da seguinte pergunta: Como o professor de História pode ensinar o contexto da Revolução Cubana por meio das imagens de Che Guevara e os filmes propostos? Temos o Che Guevara dos filmes, das biografias, do relatório da CIA, etc. Existem várias construções políticas e imaginárias. Ora ele é colocado como esse herói nacional, ora é pensado como uma máquina de matar. É importante apresentar uma pesquisa que traga informações sobre essas diferentes visões e deparando-se com essa diversidade de sentidos em relação a um mesmo sujeito histórico, o aluno possa construir sua própria interpretação. Não só a variedade de imagens em relação ao Che, mas também os

² Podemos mencionar, também, uma entrevista que Flávio Tavares concedeu a Geneton Moraes Neto da TV Globo News, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YvStJa1COO4> acessado em 29/12/2015.

filmes são ferramentas que auxiliam o professor em sala de aula para trabalhar todo o contexto da Revolução Cubana, com a proposta de mostrar o lado tradicional da História – construída por grandes nomes/heróis, bem como uma nova história construída por todos. A existência desse rico imaginário acerca da imagem de Che se converte em um desafio suplementar a essa pesquisa, tal como veremos a seguir.

A proposta de trabalhar a relação entre História e cinema é aqui pensada como uma continuidade do trabalho de graduação, cuja pesquisa voltou-se para a análise do filme *Avatar* (2009) como material didático para o ensino de História, especificamente para o conteúdo de América Portuguesa. A ideia é que, ao apresentar propostas de associar as discussões históricas com o cinema e a análise de imagens seja possível proporcionar uma consciência histórica mais consistente, dando suporte ao ensino de história, com intuito de chamar a atenção dos alunos e lhes despertar maior interesse pela disciplina de História. “Um grande desafio na educação é estimular os alunos a pensarem, pois é bem mais fácil o professor passar vários exercícios repetitivos, do que desenvolver atividades que realmente estimulem e despertem o interesse dos alunos no decorrer das aulas” (THOALDO, 2010 pag. 12).

A sociedade está em transformação e junto a ela à escola tenta se modernizar para acompanhar o mundo da tecnologia e da globalização enfrentando os novos desafios surgidos. A competição é usada quando tentamos implantar um modelo que apresente melhor qualidade na educação. O ensino modifica-se a cada momento o tradicionalismo, foi substituído por uma educação em que o conhecimento, o aprendizado e a informação rápida sejam prioritários, de forma que as mudanças ocorram dentro de uma escola moderna, atual e contemporânea. [...] Para construirmos um indivíduo crítico consciente do seu papel como cidadão responsável é necessário uma organização eficiente e planejamento eficaz, em que a forma de pensar, agir e fazer sejam feitas de maneira reflexivas criando mecanismo que formem um homem consciente dentro do convívio social. É importante inserir cidadãos conscientes de seu papel e formadores de opiniões no mundo politizado. A prosperidade de uma sociedade vem quando formamos cidadão de bem, que são conscientes de que a escola precisa realmente melhorar nos seus aspectos estruturais e assim possamos romper com os paradigmas rígidos e antes considerados benéficos e aceitos como corretos e melhores. (SOUZA e SOUZA, 2010, pag. 136)

Neste caso a proposta é discutir o cinema como uma possibilidade para formar um cidadão consciente, sendo assim, o filme irá auxiliar o professor para compreensão de fatos e comportamentos, nunca deixando de lado o momento de sua produção, como nos diz Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco (2013). Cabe ao

docente fazer uma leitura aprofundada sobre o roteiro do filme e o tema trabalhado, pois o filme “traz consigo aspectos que ultrapassam os objetivos de quem o criou, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica”. (FERREIRA e FRANCO, 2013, p. 161). O filme carregará marcas de seu tempo, indo além daquilo que almeja representar, “[..] todo filme, independentemente de seu gênero (ficção ou documentário, comédia ou drama), é produto direto do tempo em que foi feito” (FERREIRA E FRANCO, 2013, p. 159).

Para isso, é preciso analisar e entender o filme antes mesmo de propô-lo para uma sala de aula. Ter conhecimento de sua produção, público alvo, período e motivações que levaram a sua realização, o filme não seria um mero reflexo do real, mas um discurso acerca desse. Isso se evidencia ao se levantar algumas questões: a qual tipo de público ele foi destinado? Quem financiou e produziu o filme? Como se caracterizava o momento de sua produção?

Se levarmos em consideração que não há história neutra, é possível afirmar que nenhuma tentativa de reconstituição do vivido serve apenas como ilustração. O filme é um agente histórico na medida em que interfere na realidade e reelabora o passado conforme as necessidades de seu presente. Quando se trata de uma reconstituição histórica, mesmo que as informações contidas sejam contestáveis, os filmes continuam a ser fontes importantes para se avaliar as visões de mundo veiculadas sobre os temas abordados. Assim, como mantém uma ligação indissolúvel com seu momento de criação, o filme revela interesses, jogos de poder e intenções do seu momento de elaboração (FERREIRA E FRANCO, 2013, p. 160).

O filme será utilizado como instrumento didático, a fim de chamar atenção dos alunos e com a proposta de métodos diversificados para se ensinar história, proporcionando ao aluno uma forma de apreender por ele mesmo uma construção imagética de Che Guevara. O professor poderá utilizar as tecnologias como recurso didático, a fim de, não somente transformar a aula de história em algo interessante para os alunos, mas proporcionar a eles a constituição de um posicionamento crítico diante de determinados sujeitos e experiências históricas.

Há a preocupação, nos dias atuais, com o ensino em geral. O desinteresse dos alunos pelas aulas e a falta de entusiasmo em compreender a história e conhecer os fatos históricos é muito grande. Com o presente trabalho de análise de filme e imagens, expomos uma proposta que pode chamar a atenção dos alunos, além de

trazer uma melhor qualidade de ensino. Atualmente, com a tecnologia tão avançada, o professor tem, inversamente, atuado com aulas expositivas tradicionais por não estar familiarizado ou preparado para o uso com as tecnologias disponíveis tanto na escola como na Internet. Dessa forma, é necessário pensar um aprendizado didaticamente mais interessante e, ao mesmo tempo, a utilização, por parte do professor, de formas variadas de recursos didáticos. Deve-se apresentar e explicar ao professor a possibilidade de buscar novos métodos para tornar o ensino mais atrativo, gerando novas possibilidades de aprendizagem aos alunos.

A educação no mundo de hoje tende a ser tecnológica, por isso, exige entendimento e interpretação, tanto dos professores quanto dos alunos em relação a essas novas tecnologias. Através do uso da tecnologia no ambiente escolar, ficam claros os diversos sentimentos em relação a postura dos professores frente a novos desafios, como a satisfação de estar participando de uma realidade tecnológica ou a ansiedade por enfrentar novas mudanças. E em relação aos alunos também ocorrem transformações, pois passam a ficar mais motivados para estudar e aprender, e as aulas não ficam tão expositivas. (THOALDO, 2010, pag. 9)

Apesar das mudanças ocorridas no dia a dia dos alunos e dos professores, há ainda, uma diferença entre o ensino da rede pública para o ensino da rede privada. A rede escolar deve proporcionar ao aluno um ensino de qualidade, com a inserção das novas tecnologias. Porém, nem sempre o professor tem condições para estar “caminhando” junto com as tecnologias, sendo às vezes dominado por elas. Encontram-se nas escolas equipamentos que proporcionariam uma oportunidade de aprendizagem de melhor qualidade ao aluno, no entanto faltam capacitações e/ou orientações para o professor fazer uso apropriado desses recursos.

Existe hoje um contraste muito grande entre as escolas particulares e escolas públicas. As escolas da rede particular de Ensino têm absorvido bem as novas tecnologias, repassando esse custo à sua clientela, fazem convênios com empresas que oferecem serviços de Tecnologia Educacional e tem cobrado dos professores das mais diversas áreas, que implementem em seus planos de ensino o uso das ferramentas disponíveis, utilizando os laboratórios de informática e demais recursos tecnológicos disponíveis. Na escola pública o problema está justamente na falta de investimentos substanciais, não apenas em equipamentos, mas em formação continuada dos profissionais da educação para utilizarem efetivamente os recursos tecnológicos disponíveis na escola. Os alunos, na sua grande maioria dominam a utilização dessa ferramenta, o que não ocorre com os professores que continuam estagnados quanto ao uso de recursos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem. (CANTINI, et all,

2006, pág. 878)

Mesmo que a escola tenha os equipamentos necessários e o professor esteja a par de como utilizá-los, a questão não deve restringir-se somente ao caráter atrativo do ensino. É preciso considerar outros pontos, atentando-se não somente para tornar o ensino interessante, mas de estar ciente para o que está sendo ensinado. As tecnologias por si só, não ensinarão com mais qualidade o conteúdo aos alunos, terá de ser uma união entre tecnologia e professor, na qual a partir dessa interação sairá um ensino de qualidade que desperte interesse ao aluno e o torne capaz de ser crítico e consciente com relação à uma vida extraclasse. O professor terá de fazer uma seleção do conteúdo proposto, fazendo o aluno perceber que ele também faz História. De maneira mais concreta, Jaime Pinsky e Carla Pinsky (2013, p. 17) observam que o novo meio de ensinar deve ser utilizado como um complemento de livros, para que a História não caia em achismos e nem seja aprendida por informações superficiais de sites.

Trazer o cinema para sala de aula e tomar o filme como instrumento didático não é novidade, muitos autores e professores já trabalharam com tal recurso. Porém, não são todos os profissionais em educação que atuam com tal forma de se estudar a História, tanto em escolas públicas quanto em privadas, o professor, muitas vezes, não é formado na área de ensino na qual trabalha, segundo um levantamento feito pelo jornal *Globo* “chega a 40% o índice de professores de ensino médio sem formação adequada para dar aulas na disciplina que lecionam” (VANINI e VASCONCELLOS, 2015, s.p). Esta pesquisa foi realizada no ano de 2014, mostrando que os alunos foram afetados no resultado do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio –2014) e constatou ainda que esse problema não está restrito ao ensino “como mostram os próprios dados divulgados pelo MEC (Ministério da Educação), se o total de professores com formação adequada no ensino médio na rede pública é de 60,02%, na privada o índice é pouco maior: 61,28” (VANINI e VASCONCELLOS, 2015, s.p).

Essa realocação não ocorre apenas nas áreas de exatas, podendo ocorrer também na disciplina de história e áreas afins. Em relação aos recursos utilizados, ainda há uma resistência com relação às mídias e às Tic's (Tecnologias da Informação e Comunicação). Esse fator pode se sustentar pela falta de informação e oportunidade de se trabalhar com recursos variados, sendo assim, nem sempre é por falta de

interesse do professor que o filme não é trabalhado em sala de aula, muitas vezes a escola não oferece o equipamento ou o espaço necessário para se trabalhar as aulas de forma diferente, o tempo de duração das aulas não é suficiente e ainda o professor deve cumprir um cronograma de conteúdos vindo de fora da escola, das instituições governamentais. “[...] e ao ingressarem na carreira docente assumem uma carga horária de trabalho imensa prejudicando a qualidade de sua prática pedagógica, não propiciando a utilização de ferramentas e técnicas mais elaboradas” (CANTINI, et all, 2006, pag. 879).

Segundo Peter Miskell (2011), houve uma aversão por parte de alguns historiadores em aceitar o filme como ferramenta de trabalho. Para os historiadores profissionais, o filme serviria apenas como lazer para população e não contaria, com precisão, os fatos ocorridos no passado.

Parece que a ideia de usar filmes como meio adequado de apresentar o passado não era um conceito radical em si. O que perturbava os historiadores profissionais não era tanto o meio dos filmes, mas a forma como eles eram produzidos e consumidos. Há três observações que podem ser feitas aqui sobre a forma como os filmes históricos foram vistos por quem estava dentro da academia durante grande parte do século XX. Em primeiro lugar, era bastante possível que o cinema fosse considerado uma nova forma de ensinar história para alunos de escolas, o que poderia incentivar um interesse mais profundo no tema, mas não se achava que os filmes históricos tivessem qualquer coisa a ver com a formação de historiadores profissionais. Em segundo, os filmes mostrados em um ambiente de sala de aula, com um professor presente para garantir que as crianças interpretassem a mensagem “corretamente”, não podiam ser comparados com os épicos históricos assistidos por públicos de milhares de pessoas nos cinemas comerciais. Terceiro, os filmes que foram feitos sob a orientação de historiadores profissionais não eram iguais aos produzidos como entretenimento para as massas pelos estúdios cinematográficos comerciais. Dado que a ampla maioria dos filmes era produzida como entretenimento e assistida em cinemas comerciais, não surpreende que os historiadores acadêmicos se distanciem das versões de história geralmente apresentadas na tela. Quando davam algum reconhecimento aos longa-metragens, geralmente era para que as imprecisões pudessem ser apontadas. (MISKELL, 2011, p. 285)

Os filmes comerciais geralmente estão divididos em quatro grandes gêneros – Drama, Comédia, Aventura e Suspense (NAPOLITANO, 2013, p. 61) – e dentro destes há várias subdivisões, como por exemplo, a ficção científica, a comédia romântica e o drama existencial. É importante haver essas divisões “[...] pois sugere ao espectador como o filme deve ser visto, qual a dinâmica principal da fábula, o que deve

e o que não deve acontecer com os personagens e as situações dramáticas” (NAPOLITANO, 2013, p. 61). Ao professor resta a programação de uma aula de acordo com cada conteúdo relacionado aos filmes, sejam eles de qualquer categoria, procurando “[...] inserir o filme dentro do planejamento geral do seu currículo, articulando-o com os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as habilidades e competências desejadas” (NAPOLITANO, 2013, p. 79).

Porém, nem sempre o filme foi aceito para ser trabalhado em sala de aula. Além das divisões de gênero acima mencionados, a história conta com as categorias de filmes históricos e documentários, que geralmente, são mais utilizados como recurso didático. Até a década de 1960, a historiografia não via com bons olhos o filme e, segundo Peter Miskell, isso pouco se alterou nesse período com alguns estudos em relação aos filmes históricos. Existem duas formas de o filme ser trabalhado, a primeira como fonte histórica, na qual é utilizado para se realizar uma pesquisa, e a segunda como recurso didático, na qual o professor utiliza o filme para completar o conteúdo proposto, fazendo as intervenções necessárias para que haja um entendimento de forma unânime por parte dos alunos. Segundo Miskell, os historiadores questionavam tais formas de se trabalhar o filme histórico, pois este poderia trazer para os alunos, uma nova forma de entender o passado, como se os historiadores tivessem perdendo espaço para as histórias contadas através de uma tela por imagens em movimentos. Além do mais, as pessoas deixariam de “ler para ver”, estando submissas a um mundo contado por filmes.

Pergunta: Por que os historiadores não acreditam no filme histórico? As respostas explícitas: os filmes são imprecisos. Distorcem o passado. Ficcionizam, trivializam e romantizam as pessoas, os eventos e os movimentos. Eles falsificam a história. As respostas não explícitas: o cinema está fora do controle dos historiadores, mostra que não somos donos do passado e cria um mundo histórico com o qual os livros não podem competir, pelo menos em popularidade. O cinema é um símbolo perturbador de um mundo cada vez mais pós-literário (no qual as pessoas sabem ler, mas não leem). (MISKELL, 2011, p. 286)

Os documentários são os filmes que tem uma pretensão de reproduzir fielmente a realidade, porém não deixam de ser objeto de crítica, pois apresentam fatos

históricos de forma resumida, selecionando fatos e/ou enfatizando determinados contextos. Nesse sentido, a história não deve ser vista como pronta e acabada, como é apresentada nos filmes – sejam eles fictícios, históricos ou documentários –, pois podem vincular, segundo determinada perspectiva, variadas versões, diversas interpretações e olhares plurais sobre um fato ou personagem do passado. Estes, além de se relacionarem com as intencionalidades da produção, dizem respeito diretamente ao gênero do filme ou com a forma como a história é contada (comédia, romance, drama, terror, aventura, etc). O passado pode ser revivido a todo tempo por diferentes olhares, compromissados ou não, com um relato verossímil dos fatos.

A partir das divisões de classes cinematográficas, podemos supor que algumas pessoas buscam nos filmes, para além do lazer, formas de “leitura” de mundo e compreensão do passado. O filme passou a ser visto, não apenas como entretenimento, mas como um veículo de informação e história que não está apenas nas mãos de historiadores. Como aponta Miskell, os historiadores profissionais começaram a aceitar o filme como um auxiliar didático em sala de aula. Ele diz:

Os historiadores profissionais, portanto, aceitaram que não são proprietários do passado. Eles não estão mais em posição de afirmar que têm o direito exclusivo de produzir e distribuir versões dos eventos históricos. O professor de história que viajou pelo Canadá com o filme sobre o General Wolfe nos anos de 1920 afirmou com segurança que “era um filme bom e preciso” porque foi supervisionado de perto por historiadores com boa formação”. Essa visão estaria fora de lugar no final do século XX. (MISKELL, 2011, p. 288)

Não podemos confundir o filme como um reconstrutor do passado, visto que seria uma forma impossível de tratá-lo. O filme passa a ser entendido como constituinte de um imaginário, uma perspectiva criada a partir de um determinado fato histórico. E como imaginário Marc Ferro (2010) diz que o cinema traz interpretações incertas, mas que auxiliam na representação de acontecimentos antes não explicados, se tornando um ponto fundamental para o ensino de História.

Ainda segundo Marc Ferro, deve-se dar relevância não apenas ao que o filme representa, como também analisar o que estava ocorrendo no mundo no momento de sua produção. Marc Ferro diz que a relação entre o filme e a História é de fundamental importância para entendermos certos acontecimentos passados ou para

repensar como determinadas versões são contadas (FERRO, 2010, p. 31-32). Um filme não surge ao acaso, existe todo um processo de estudo para sua produção e apresentação e com relação a isso FERRO (2010) relata:

Essa intervenção do cinema se exerce por meio de um certo número de modos de ação que tornam o filme eficaz, operatório. Sem dúvida, essa capacidade está ligada, como se verá depois, à sociedade que produz o filme e àquela que o recebe, que o recepciona. Persiste o fato de que além do ajustamento de dificuldades não cinematográficas (condições de produção, formas de comercialização, seleção de gêneros, referência a significados culturais, etc.) o cinema dispõe de certo número de modos de expressão que não são uma simples transcrição da escrita literária, mas que têm, sim, sua especificidade: os teóricos da escrita cinematográfica a estudam, de Jean Mitry a Bruce Moressette e Christian Metz. (FERRO, 2010, p.17)

Propomos tomar o filme como recurso didático e a partir dele mostrar o lado da História tradicional, trazendo o personagem de Che Guevara como revolucionário/herói, além disso, buscamos nos livros apresentar uma história construída por todos, mostrando o lado popular da Revolução Cubana. O questionamento do personagem Che Guevara por meio de variadas faces nos permite a mostrar uma história mais coletiva.

O filme trás uma possível ideia de quem vem a ser o Che. Para alguns, se trata de um novo personagem, mas para outros há a constituição de sua própria definição da imagem do personagem. A questão que nos mobiliza é a diversidade das imagens construídas sobre a vida do Che e como isso pode ou não interferir na forma que será utilizado o filme em sala de aula, ressaltando o contexto da Revolução Cubana. Dentro dessa diversidade, os filmes ocupam consequentemente um lugar relevante, uma vez que, seriam voltados para um público mais amplo e conseguiriam um maior alcance do que as obras dos estudiosos e pesquisadores profissionais, um problema já considerado pelos historiadores, dentre outros, por Peter Miskel (2011, p. 282-293).

O papel do historiador é dar sentido ao passado e não apresentar verdades. Por outro lado, os produtores de filmes podem fazer o passado transpor o tempo e se fixar em uma tela, mesmo em uma construção ficcional, atrativa, exibida em fragmentos. Em outras palavras, o roteiro de um filme pode livremente misturar

realidade e ficção (FERREIRA E FRANCO, 2013, p. 159).

Os anos 1990, diferentemente dos anos 1960, consideram o filme como instrumento de pesquisa e de ensino e o utilizam em sala de aula para ensinar História, bem como outras disciplinas. O cinema vem ganhando espaço no meio acadêmico e tem cada vez mais o poder de discutir temas históricos que são relevantes para a sociedade. Novas tecnologias e novas possibilidades de pesquisa e ensino devem ser usadas a favor da educação. O caráter lúdico, instigador, presente na apresentação de um filme, por exemplo, deve constituir parte da estratégia do professor em sala de aula para se chegar à aprendizagem de determinados conteúdos. Explorar, questionar, discutir cenas, partes do filme, possibilitam um maior interesse dos alunos e uma melhor compreensão do tema. Mais do que apenas passar um filme para distrair mostra-se relevante torná-lo documento e veículo para fortalecer a aprendizagem em sala de aula.

Utilizaremos os filmes e as biografias para propor aos alunos caminhos e elementos para construção de uma crítica e de uma compreensão das imagens constituídas acerca da experiência histórica do Che. A ferramenta didática permite uma possibilidade de se ensinar sobre essa personagem tão polêmica e contraditória nas diversas versões de sua vida, construídas após a sua morte.

Far-se-á uma breve discussão acerca do cinema em relação à História do personagem, para isso levaremos para a sala de aula dois filmes considerados recentes para explicar a trajetória de um guerrilheiro da segunda metade do século XX que foi Ernesto Guevara, discutindo como este emerge na sociedade dos dias atuais e como sua história está inserida nos livros didáticos.

Nosso intuito partirá não só da utilização do filme, mas iniciando com a discussão sobre como alguns livros didáticos³ tratam a Revolução Cubana e se há a figura de Che Guevara mencionado em suas páginas. O filme é apenas um caminho dos inúmeros existentes para tornar o ensino mais interessante e de melhor qualidade.

A escolha do personagem Che Guevara, se deu por ser componente de uma importante experiência Histórica, no caso a Revolução Cubana e pela diversidade de

³ Especificamente trabalharemos com os livros dos seguintes autores: Patrícia Ramos Braick, Myriam Becho Mota, Claudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo.

imagens construídas acerca de uma mesma pessoa. A partir disso, fazer uma análise sobre a vida de Che Guevara, e através do viés ideológico, estudar sobre a construção de imagens diversificadas em relação a um mesmo personagem.

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa do mestrado profissional em História da UFG – Campus Catalão, denominada “Cultura, linguagens e ensino de História”. A proposta do mestrado é a de observar a realidade do ensino de história “Propomos pensar os processos de ensino-aprendizagem como constituintes de um imaginário cuja construção coletiva abrange todo o campo das linguagens e das experiências humanas”. Em outras palavras, coaduna-se com a perspectiva apresentada anteriormente, que pode ser caracterizada pelo esforço de compreensão das especificidades relativas ao ensino de história e das demandas de novos recursos e instrumentos didáticos.

Apresentaremos o contexto da Revolução Cubana, a figura histórica de Che Guevara, apropriação da direita e esquerda, problemas no ensino da América Latina e da Revolução Cubana, o cinema como instrumento didático e por fim, os filmes e suas possibilidades como propostas de ação pedagógica. Desenvolveremos dois capítulos. No primeiro, serão discutidos conceitos mais teóricos, como imagem e imaginário. Será contextualizada a Revolução Cubana e analisaremos as biografias de Che Guevara. Além disso, problematizaremos algumas apropriações das imagens do Che, de modo a construirmos algumas bases para pensar as possíveis recepções dos filmes. De forma mais sucinta, abordaremos no primeiro capítulo o contexto da Revolução Cubana, a análise das biografias e a apropriação das imagens. Já, no segundo capítulo, procuraremos problematizar, especificamente, os enredos dos filmes “Che – O Argentino” e “Che – A Guerrilha”, buscando discutir a figura cinematográfica de Che Guevara. Far-se-á uma relação entre cinema, história e ensino.

CAPÍTULO 1

ELEMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO EM SALA DE AULA

“*O socialismo e o homem em Cuba*” foi uma carta que Che Guevara escreveu ao semanário uruguaio *Marcha* de 1965⁴ (p. 59), onde explicava a Revolução Cubana e assentava o motivo de sua vitória ao apoio popular a sua causa. Nesta carta, Guevara exaltava o socialismo e sua liberdade, contrariamente à opressão capitalista que procurava explicar. Para Che Guevara, o capitalismo adestraria o povo e não educaria, de modo a cristalizar a exploração de classes. Contrariamente, o socialismo seria o caminho para a realização dos anseios do povo.

A nova sociedade em formação tem de competir muito duramente com o passado. Isso se faz sentir não só na consciência individual, onde pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter deste período de transição, com persistência das relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto existir, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, portanto, na consciência. (GUEVARA, 2009, p. 62).

Che Guevara dizia que o capitalismo colocaria a sociedade em constante busca por crescimento econômico e pregava que deveria haver uma relação de união entre as pessoas. O socialismo seria a solução para o país, deixando de existir desigualdade social e o ser humano não seria tão individualista. Um caminho longo seria percorrido para que essa sociedade em formação se concretizasse.

Este capítulo busca discutir a Revolução Cubana, tendo como eixo a participação do Che Guevara nas guerrilhas e conquistas alcançadas, buscando inserir no país o desejado sistema socialista. Para tal proposta, tomaremos como base as obras de Luis Fernando Ayerbe (2004), Adriane Vidal Costa (2013), Flávio Tavares (2013), Jorge G. Castañeda (2006) e Jon Lee Anderson (1997). Estes livros nos permitirão ter uma perspectiva sobre Che Guevara na Revolução, de modo a embasar as discussões ulteriores em relação aos filmes e ao ensino. Se Ayerbe nos apresenta uma narrativa sobre a Revolução Cubana, Costa nos traz um panorama da intelectualidade latino-americana da década de 1950 que, entre outras coisas, ajudou a

⁴ Utilizamos a 4ª. Edição do livro *Che Guevara: textos políticos*, traduzida por Olinto Beckerman e publicada em 2009.

gestar, a pensar e a difundir a Revolução de 1959. Já Tavares e Castañeda se preocuparam em escrever, especificamente, sobre o Che, tendo o primeiro um contato mais próximo com esta figura. Por outro lado, mostra-se importante pensar a Revolução Cubana sob os olhos do Che e buscar os possíveis porquês de suas imagens póstumas.

1.1. *A figura de Ernesto “Che” Guevara e a Revolução Cubana.*

Nascido na cidade de Rosário – Argentina – no ano de 1928, Ernesto Guevara de La Serna teve sua vida marcada por embates políticos e guerrilhas em busca de melhorias para os mais pobres. Apesar de ter nascido em Rosário, na Argentina, Ernesto Guevara lá viveu não por muito tempo. Na verdade, sua família se mudava bastante, vivendo em vários lugares. Ernesto Guevara sofria de uma doença asmática e necessitava de um local para viver que fosse favorável à sua saúde, morando por algum tempo em Alta Gracia. Estudou em várias escolas e se formou em Medicina em Buenos Aires. Che Guevara se apaixonara por política desde sua infância.

Os traços da personalidade de Ernesto Guevara, que iriam evoluir e amadurecer nos anos subsequentes e que assumiram dimensão lendária no adulto, já estavam presentes no menino. Seu destemor físico, sua inclinação para liderar os demais, sua teimosia, seu espírito competitivo e a autodisciplina já se manifestavam todos claramente no jovem “Guevarita” de Alta Gracia. (ANDERSON, 1997, p. 39).

“A Guerra Civil Espanhola, que durou de 1936 a 1939, foi provavelmente o primeiro evento político a se impor de modo significativo na consciência de Ernesto Guevara” (ANDERSON, 1997, p. 40), a partir de então já se desenvolvia em Che Guevara uma consciência política e uma vida presente em meio às guerras. O Argentino havia se apaixonado pela luta espanhola, pois “[...] no início dos anos 30, pouco havia na política interna da Argentina que entusiasmasse os liberais Guevara”. (ANDERSON, 1997, p. 40). Mas, “[...] em compensação, a guerra em defesa da República espanhola, simbolizando uma postura dramática contra a crescente ameaça do fascismo internacional, era algo capaz de entusiasmar as pessoas” (ANDERSON, 1997, p. 40). Mesmo sendo ainda apenas um jovem, Che Guevara demonstrou

interesse e entusiasmo pela guerra. “Rodeado de pessoas tão envolvidas emocionalmente com a causa da República espanhola, Ernesto, com 10 anos de idade, desenvolveu um grande interesse pelo conflito” (ANDERSON, 1997, p. 41). Jorge Castañeda confirma essa passagem, dizendo que “[...] a guerra da Espanha foi a experiência política fundamental na infância de Che. Nada o marcou tão fundo nesses anos como a luta e a derrota dos republicanos [...]” (CASTAÑEDA, 2006, p.31).

No ano de 1943 a família Guevara se muda para a cidade de Córdoba, e assim “iniciava-se uma nova etapa para o Che, tanto na escola como na eterna luta contra a asma: em Córdoba ele começou a participar ativamente de competições esportivas organizadas, e sobretudo a jogar rúgbi” (CASTAÑEDA, 2006, p. 33). O intuito de se praticar esportes seria o de ajudar a melhorar a condição respiratória de Che, devido sua asma. Che Guevara tinha uma relação harmoniosa com sua mãe, porém ao chegar a juventude, tanto carinho estaria o sufocando.

Pouco a pouco, em vista da crescente pressão materna, o jovem Che iria se distanciar; não no que se refere ao carinho ou à dedicação aos pais e irmãos, mas fisicamente. A isso se deveria em parte o início de suas viagens logo a seguir, com o posterior e interminável perambular pelo mundo. Esse enfoque serve também para explicar em parte a decisão inicial de estudar engenharia em Córdoba, quando seus pais e irmãos já tinham se mudado para Buenos Aires. Porém não chegara ainda o momento da separação. (CASTAÑEDA, 2006, p. 39).

A decisão de Che Guevara de estudar Engenharia se transformaria mais tarde, tomando a decisão de seguir sua família para Buenos Aires e cursar Medicina na capital. Após se formar Che Guevara iniciou uma sequência de viagens de motocicleta “no início de janeiro de 1952 começou a primeira grande viagem de Che Guevara; ele visitaria cinco países ao longo de quase oito meses, em companhia de seu amigo de Córdoba, Alberto Granado” (CASTAÑEDA, 2006, p. 64).

Tantas viagens consecutivas marcaram a vida de Che aguçando o desejo de vencer. Possuiu uma vida bastante agitada, sempre em busca de seus ideais. Che Guevara, então chega ao México, “existe concordância em que o Che que chegou ao México depois de sua experiência na Guatemala de Arbenz, já era um marxista “convicto e confesso” tanto do ponto de vista teórico, como político” (PÉREZ, 2001, p. 29). “Os primeiros meses no México, em fins de 1954, não foram fáceis para Guevara:

sem dinheiro, sem trabalho, sem amigos” (CASTAÑEDA, 2006, p. 102). No ano de 1955 Che Guevara conheceu Fidel Castro, este que estava no país após o fracasso do assalto ao quartel de Moncada – Santiago de Cuba –, ocorrido em julho de 1953. O objetivo do encontro entre Che Guevara e Fidel Castro era o de iniciar uma luta contra o governo ditador de Fulgêncio Batista.

Após a queda do governo Arbenz, (Ernesto) exilou-se no México. Lá conheceu o grupo de Fidel Castro, também exilado como punição pelo assalto ao quartel Moncada. Desse encontro nasceu o apelido Che, pelo seu sotaque argentino de falar a interjeição “che” a toda hora. Castro preparava uma invasão a Cuba e Guevara juntou-se aos guerrilheiros como médico. (MATOS, 2008, p. 2).

Porém “a decisão final do Che de unir-se ao grupo de revolucionário cubano na realidade não foi tomada na noite em que ele conheceu Fidel Castro” (CASTAÑEDA, 2006, p. 116). Mas, a partir da decisão de Che de unir-se a Fidel, sua vida mudou completamente, no sentido de passar de “viajante” a “revolucionário”, e “o treinamento para a luta armada em Cuba logo começou” (CASTAÑEDA, 2006, p. 115). Durante os treinamentos dos revolucionários, eles passaram a ser conhecidos como “rebeldes”.

A partir do encontro entre Che Guevara e Fidel, surgiram diálogos que os aproximaram da ideia de livrar Cuba de um governo opressor. Apesar da doença que Guevara sofria, não lhe faltava esforços e força de vontade. Isso foi observado tanto por Castañeda (2006, p. 116) quanto por Paco Ignacio Taibo II (1997, p. 46). Os autores citam a tentativa de Che alcançar o topo de Popocatepetl⁵. Ainda segundo os autores esses treinamentos iniciais eram bastante frívolos – ligados ao condicionamento físico.

É importante ressaltar que Fidel Castro nomeou Guevara como chefe pessoal no campo de treinamento de Chalco, ou seja, Che Guevara seria o líder que treinaria o grupo que ali estava. (CASTAÑEDA, 2006, p. 116). Entrementes, os treinamentos começaram a se intensificar no rancho de Chalco, onde Che praticava tiro ao alvo⁶.

⁵ “Monte de cinco mil metros de altitude, com o cimo coberto de neve, um dos dois majestosos vulcões que se erguem sobre a Cidade do México” (ANDERSON, 1997, p. 200).

⁶ Segundo Anderson o convívio de Che com alguns cubanos parece não ter sido fácil: “Essa foi a primeira vez em que Che conviveu com os cubanos num esquema diário. Alguns dos homens não gostavam da sua presença, considerando-o um estrangeiro intrometido e que agora era o seu Jefe imediato. No entanto, logo constataram que, se ele era um disciplinador rígido, também participava das machas e exercícios, além de cumprir com seus deveres de médico” (ANDERSON, 1997, p. 240).

As atividades dos revolucionários cubanos chamaram a atenção das autoridades mexicanas. Além disso, as atividades do grupo eram monitoradas pelo governo cubano. Conta-se que havia um plano para assassinar Fidel Castro. Em 24 de junho de 1956 Fidel Castro e outros revolucionários, ao cair em uma armadilha, são detidos na cidade do México. Após a detenção o grupo que estava em treinamento no rancho Santa Rosa – Chalco – também é capturado, incluindo Guevara. Raul Castro e alguns outros conseguem escapar. (TAIBO II, 1997, p. 51 – 54).

Ajudados pelo ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas, Fidel é libertado em 26 de julho de 1956, Che e outro revolucionário deixam a prisão semanas depois. Ainda nesse mesmo ano os preparativos para o retorno a Cuba são postos em movimento. Apesar da repressão e das ameaças da ditadura cubana, os revolucionários conseguem um barco, armas e suprimentos para sua expedição.

Em Cuba, de acordo com Luis Fernando Ayerbe, podemos dizer que três elementos podem caracterizar o período que precede a guerrilha: certa fragilidade política evidenciada pelo golpe de Batista, certa agitação social e a renovação da ameaça de intervenção norte-americana, uma vez que o golpe de Batista de 1952 teve como apoio externo o governo dos Estados Unidos (AYERBE, 2004, p. 37 - 39). Este apoio caracterizaria um imperialismo nefasto a Cuba segundo os olhos dos organizadores da Revolução.

A chegada em Cuba segundo o diário de Raúl Castro não foi fácil. Eles desembarcam no dia 2 de dezembro de 1956 em Las Coloradas, antiga província de Oriente. Segundo Raúl (1997)⁷:

Por volta das 5:30 ou 6:00 a.m., por ene motivos, seguimos em linha reta e encalhamos em um lugar lodoso para nos metermos no pior lodaçal de que eu jamais vi ou ouvi falar. Fiquei até o último homem tratando de tirar a maior quantidade de coisas, mas depois, daquele maldito mangue, tivemos que abandonar quase todas as coisas. Mais de quatro horas, sem parar uma única vez, atravessando aquele inferno. [...] Encontrei, ao longo do caminho, companheiros quase desmaiados. [...] Matamos o tempo pelos arredores até bem avançada a tarde, para ver se apareciam os companheiros, com um avião constantemente dando voltas e, a coisa de 2 quilômetros de nós, começou a metralhar a barraca onde pensávamos comer alguma coisa. (p. 70)

⁷ Utilizamos a edição dos diários inéditos da guerrilha cubana de Che Guevara e Raúl Castro de dezembro de 1956 a fevereiro de 1957. Essa edição foi apresentada por Emir Sader, Introduzida por Heinz Dieterich e Paco I. Taibo II e traduzida por Alberto Moby e Luiz Ricardo Leitão.

As agruras da expedição continuaram, uma vez que o grupo de revolucionários entrou em conflito com as forças governamentais. Che Guevara em seu diário também menciona as dificuldades do desembarque em Cuba. (GUEVARA, 2012, p. 21 – 23).⁸ Além desses problemas Guevara, ainda em dezembro de 1956, relatou sua luta contra as forças governamentais cubanas e contra o seu problema de asma:

Repentinamente, havia uma rajada constante de fogo. Balas assobiavam a esquerda e a direita. Aviões apareciam e começavam a nos atacar. Montané e eu estávamos encostados em uma árvore, conversando sobre nossas crianças e comendo nossa magra ração de metade de uma linguiça e dois biscoitos, quando nós ouvimos um rifle atirar, seguidos segundos mais tarde por uma saraivada de balas. Meu rifle não era um dos melhores. Eu o tinha pedido a alguém, porque eu ainda estava em uma terrível condição física após um prolongado ataque de asma. Eu lembro tudo isso vagamente. Eu recordo que no meio do tiroteio, Almeida veio e pediu por ordens, mas não havia ninguém para dá-las. Fidel tentou sem sucesso levar-nos todos juntos para um canal próximo. O ataque surpresa tinha sido esmagador, o tiroteio muito pesado. Meu problema era decidir entre minha obrigação como doutor e meu dever como revolucionário. Eu peguei uma caixa de munição, deixando para trás a mochila com medicamentos, e cruzei a clareira que nos separava do canal. (GUEVARA, in FRANQUI, 1980, p. 125).⁹

O grupo de guerrilheiros continuou com os treinamentos, buscando iniciar algumas invasões, “em junho de 1957, o grupo guerrilheiro se divide em três colunas, sob o comando de Fidel Castro, Raul Castro e Ernesto ‘Che’ Guevara [...]” (AYERBE, 2004, p. 1957). Neste mesmo ano, segundo Luís Fernando Ayerbe (2004, p. 35), o grupo havia feito uma tentativa de assalto ao Palácio Presidencial, onde vivia Fulgêncio Batista, porém fracassaram e 35 dos 50 combatentes foram mortos. Além de assassinar Batista “o plano incluía também a tomada da rádio Relógio, de onde José Antonio Echeverría faria um pronunciamento incitando o levante popular” (SADER, 1985, p. 36).

⁸ Trata-se do diário de Che Guevara traduzido por Dafne Melo e publicado pela editora planeta. Este diário cobre os acontecimentos datados desde a chegada do iate Granma nas costas cubanas em 2 de dezembro de 1956 até o triunfo revolucionário em 1 de janeiro de 1959.

⁹ Trata-se do Diário da Revolução Cubana de Carlos Franqui publicado, em língua inglesa, em 1980. Este livro é um apanhado documental da Revolução Cubana dentre o qual encontra-se partes dos diários de Che Guevara. Carlos Franqui foi um dos primeiros membros do movimento revolucionário de Castro. Foi preso em 1957 pelo governo de Batista e subsequentemente exilado. Voltou do exílio e apoiou Castro em Sierra Maestra. Devido a defesa pelos direitos de liberdade artística, rompeu com Castro em 1968. Para mais referências sobre sua atuação no movimento 26 de julho, consultar Franqui (1980).

Mesmo após o fracasso, os revolucionários não desistiram de seus ideais, e “[...] a onda de mobilizações antigovernamentais foi crescendo até a tentativa do setor urbano do Movimento 26 de julho de realizar uma greve geral, marcada para o dia 9 de abril de 1958” (SADER, 1985, p. 36). Esse foi mais um fracasso do movimento 26 de julho, “[...] como consequência imediata, o Movimento perdeu as lideranças de Havana, onde ficou mais vulnerável à ação das forças de segurança do regime de Batista” (SADER, 1985, p. 36). Nem sempre foram só fracassos:

Outras ações, voltadas mais para a propaganda que para o enfrentamento direto com as forças militares do regime nas cidades, tiveram êxito. Foi o caso do sequestro, organizado por um comando do Movimento 26 de Julho, do campeão mundial de automobilismo Juan Manuel Fangio, na véspera do Grande Prêmio de Cuba, que deveria ser disputado no Malecón de Havana, a grande avenida que beira o mar no centro da capital cubana. A corrida perdeu seu atrativo principal, teve de ser suspensa e a imprensa mundial falou dos revolucionários cubanos e da sua luta contra o regime de Batista (SADER, 1985, p. 37).

O movimento começou a se fortalecer e após o fracasso da tentativa de realização de uma greve geral, Batista tentaria acabar de vez com os guerrilheiros.

[...] Certo de que havia dado um golpe decisivo nos revolucionários, Batista resolveu passar diretamente ao ataque e decidiu desenvolver uma ofensiva contra as tropas guerrilheiras na própria Sierra Maestra. Mobilizou dez mil homens e deu início à sua ofensiva no dia 25 de maio. Esta se revelaria depois como uma manobra decisiva para o resultado final da guerra. O Exército Rebelde – que já contava nessa altura com mais uma coluna, dirigida por Camilo Cienfuegos – reconcentrou suas forças para impedir a subida do Exército à Sierra Maestra, já considerada território liberado pela guerrilha. Utilizando desde pequenas emboscadas de desgaste e de contenção até a defesa frontal de regiões montanhosas, o Exército Rebelde foi impondo baixas às tropas do governo, que eram apoiadas por bombardeios aéreos com uma vantagem descomunal em homens. Dois meses depois Fidel Castro anunciou pela rádio Rebelde – instalada pelos revolucionários na Sierra Maestra – que a ofensiva do Exército de Batista havia terminado no maior fracasso, com mais de mil baixas, entre mortos, feridos, prisioneiros e desertores. (SADER, 1985, p. 37).

O caminho para o sucesso dos revolucionários estava aberto e cada vez mais certo de que seria alcançado. A mais importante conquista de Guevara foi a Revolução Cubana, finalizada no ano de 1959. Nessa revolução, como já mencionado, Che treinou guerrilheiros, passou fome, sofreu com sua doença asmática, mas ao lado

de Fidel conseguiu chegar ao fim. Che Guevara participou direta e indiretamente de algumas batalhas, sendo algumas delas a Batalha de La Plata, Batalha de Las Mercedes, Batalha de Guisa e finalizando com a Batalha de Santa Clara. No ano de 1959, os guerrilheiros conseguem o fim do governo de Batista que renuncia ao poder e abandona o país.

Após o fim da luta armada, Guevara exerceu alguns cargos no país, porém não estava satisfeito com “o fim”. Guevara possuía o desejo de levar a Revolução para outros países. Esteve na África no ano de 1965, liderando um grupo de guerrilheiros, na tentativa de derrubar o governo ditador de Joseph Mobutu, só que “[...] com o fracasso da empreitada, ele voltou para Cuba na clandestinidade e arquitetou o plano de criar o foco de guerrilha na Bolívia, onde entrou disfarçado em 1966. O país vivia a ditadura do general René Barrientos, apoiado pelos EUA” (RODRIGUES, 2014, s.p). Enfim, “antes de chegar à Bolívia, Che Guevara passa pela África e amarga uma derrota ao entrar com seus homens na guerra do Congo. Quase perde a vida”. (DIAS e CEREGHINO, 2007, p. 7).

Che Guevara passou um tempo desaparecido e muitos questionariam onde estaria. “Che estava sumido e a CIA tentava desesperadamente rastrear os passos de um rebelde que tinha como propósito disseminar a revolução pelos quatro cantos do mundo” (DIAS e CEREGHINO, 2007, p. 6). Com esse intuito Che vai à Bolívia, completamente irreconhecível, “[...] passaporte em nome de um certo Adolfo Mena Gonzáles, sociólogo uruguaio. Curioso personagem, esse sociólogo. Calvo, usando grandes óculos, tinha, com o nome de Ramon” (BESANCENOT e LÖWY, 2009, p. 16). A vontade de Che iniciar a guerrilha se deparava cada vez mais com dificuldades, pois na Bolívia, parte dos camponeses não aderiu ao movimento.

[...] Os fatos dirão que estava certo. “O campesino boliviano é um ser muito mais primitivo do que o camponês cubano de 1959” – (Henderson) escreve a Washington logo após a morte de Che. “Protege com esmero seus interesses e desconfia de quaisquer intrusos, forasteiros ou representantes do governo”. A Guevara falta a adesão popular. Ele se dá conta disso todo o tempo, mas, de modo dramático, percebe mais claramente o fracasso nos últimos meses de luta. Nenhuma ligação com o exterior, nenhum recrutamento entre os campesinos, a rede urbana de apoio se desmantela e há um desabamento do moral entre os guerrilheiros (DIAS e CEREGHINO, 2007, p. 15).

Com tantas dificuldades e um estado de saúde precário Guevara foi capturado na Bolívia no dia 8 de outubro de 1967. “Ele estava um desastre”, escreveu Rodríguez¹⁰. ‘O cabelo grudado, as roupas inteiramente rasgadas’. Ele nem mais tinha botas.[...]” (ANDERSON, 1997, p. 844). Guevara havia fracassado, já não havia forças para enfrentar algo ou alguém. Era o fim de uma vida revolucionária, era o fim de uma luta contra a asma, o fim de um sonho de igualdade social, era o fim de Che Guevara.

Ao meio-dia e meia, chegou pelo rádio uma mensagem para o Coronel Zenteno Anaya, expedida pelo alto comando boliviano em La Paz, e ele transmitiu a ordem para Selich. Segundo as anotações de Selich, a mensagem era de “proceder à eliminação do Señor Guevara”. Assinalou para Zenteno que quem tinha o dever de se encarregar da execução era o Tenente-Coronel Ayoroa, já que ele era o comandante da unidade que capturara Guevara. Nas palavras de Selich: “Ayoroa então ordenou o cumprimento da ordem” (ANDERSON, 1997, p. 845).

Havia uma ordem para que quando fossem executar Che Guevara não acertassem no rosto. Há diversos relatos sobre quais foram as últimas palavras de Che, bem como a “aflição” de Terán ao assassiná-lo. Uma das frases conhecidas é “Sei que você veio para me matar. Atire, covarde, você só vai matar um homem” (ANDERSON, 1997, p. 845). E no dia 9 de outubro de 1967 com 39 anos de idade, estava morto Ernesto Guevara – o Che.

1.2. *Apropriações da Direita e da Esquerda*

Os termos “esquerda” e “direita” surgiram ainda no século XVIII na primeira fase da Revolução Francesa (1789 – 1799), na qual a burguesia – com o auxílio dos pobres – buscavam diminuir o poder do clero e da nobreza. O sistema político nesse período estava dividido em três camadas: Clero, Nobreza e Terceiro Estado. Porém, as camadas mais ricas não gostaram de se misturar com os pobres e decidiram sentar-se separados, do lado direito do rei ficariam as classes abastadas (clero e nobreza), enquanto ao lado esquerdo estariam as pessoas que compunham o Terceiro Estado. Ao lado esquerdo, estariam os pobres e por isso esse termo está associado à luta pelo

¹⁰ Esta personagem, Félix Rodríguez, era um agente da CIA que, após a captura de Che, participou de um interrogatório ao guerrilheiro.

direito dos trabalhadores, a busca da inserção popular nos movimentos sociais. Sendo assim, a “direita” iria representar uma visão mais conservadora, buscando manter a elite no poder e promover o bem estar individual.

Há atualmente algumas afirmações sobre o fim de tais ideologias. Como diz Bobbio “é usual a referência a Sartre, que parece ter sido um dos primeiros a dizer que direita e esquerda são duas caixas vazias” (BOBBIO: 1995, 32). Esse possível desaparecimento de tais termos, segundo Bobbio, está relacionado à chamada crise das Ideologias. Mas, não podemos afirmar esse desaparecimento, pois atualmente notamos conceitos variados sobre ideologias que estão vivos em meio a nós.

Pode-se tranquilamente objetar, como já foi feito, que na realidade as ideologias não deixaram de existir e estão, ao contrário, mais vivas do que nunca. As ideologias do passado foram substituídas por outras, novas ou que pretendem ser novas. A árvore das ideologias está sempre verde. Além do mais, como já foi diversas vezes demonstrado, não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise. E depois, “esquerda” e “direita” não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações [valutazioni] a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer. Pode-se naturalmente replicar que os contrastes existem, mas não são mais os do tempo em que nasceu a distinção; modificam-se tanto que tornaram anacrônicos e inadequados os velhos nomes. (BOBBIO, 1995, p. 33)

Sendo assim, notamos a partir de Bobbio que, as ideologias não deixaram de existir, porém tem modificado seu conceito constantemente. O que se pode perceber é que tais termos, talvez, não consigam explicar a diversidade da política no século XXI. Várias concepções podem surgir sobre “direita” e “esquerda”, cabe ao período e ao espaço designar o que elas irão responder. Mas, não podemos generalizar e dividir a sociedade em apenas duas ideologias. Há quem concorde com ambas as partes, não afirmando ser totalmente de direita ou de esquerda.

A objeção vai ao ponto certo, mas não é decisiva. A distinção entre direita e esquerda não exclui de modo algum, sequer na linguagem comum, a configuração de uma linha contínua sobre a qual entre a esquerda inicial e a direita final, ou, o que é o mesmo, entre a direita inicial e a esquerda final, se colocam posições intermediárias que ocupam o espaço central entre os dois extremos, normalmente designado, e bastante conhecido, com o nome de

“centro”. Se se quiser flertar com a linguagem da lógica, pode-se dizer que, enquanto a visão didática da política, segundo o qual o espaço político é concebido como dividido em duas únicas partes, uma das quais exclui a outra e nada entre elas se interpõe, pode ser denominada de Terceiro Excluído, a visão triádica, que inclui entre direita e esquerda um espaço intermediário, que não é nem de direita nem de esquerda, mas está entre uma e outra, pode ser denominada de Terceiro Incluído. No primeiro caso, os dois termos, que mantêm entre si uma relação de “ou-ou”, dizem-se contraditórios; no segundo caso, em que existe um espaço intermediário simbolizado pela fórmula “nem-nem”, dizem-se contraditórios. Nada de estranho: entre o branco e o preto pode existir o cinza; entre o dia e a noite há o crepúsculo. Mas o cinza não elimina a diferença entre o branco e o preto, nem o crepúsculo elimina a diferença entre a noite e o dia. (BOBBIO, 1995, p. 35)

A partir da citação, podemos dizer que nem todas as pessoas são de extrema direita e de extrema esquerda, ou simplesmente de direita e de esquerda. Algumas podem estar divididas, concordando em partes com as ideologias. Essa ideologia ficou conhecida como de “centro”. Esse pensamento defende o capitalismo, porém não deixa de lado a preocupação com a sociedade. Essa ideologia prega mais tolerância e equilíbrio dentro de uma sociedade e se considera como uma superação do compromisso com a direita e a esquerda.

Hoje, o cinismo na política parece vencer. Certos partidos do movimento operário aprenderam a gerir lealmente os negócios do capitalismo, de alternância em alternância. De acordo com eles, a esquerda estaria doravante dividida em dois campos: os que aceitam participar do poder e os que se recusam a isso por princípio. Os que “põem a mão na graxa” e os que se condenam à importância política e à oposição estéril. Quarenta anos depois de 1967, a experiência de Che permanece um contra-exemplo de esperança, que põe em dificuldades uma teoria utilizada com demasiada frequência para justificar as renegações da esquerda. Com efeito, ela prova que a independência reivindicada em relação ao poder e a ação dentro de um governo, revolucionário e cubano nesse caso, não são incompatíveis. Ela permite, por isso mesmo, reconstituir a verdadeira natureza da clivagem que cinde a esquerda a muito tempo a respeito do exercício do poder: de um lado, os que querem sempre mudar de sociedade e, de outro, os que se amoldam ao sistema vigente. Para Che, o debate não é, portanto, saber abstratamente se é preciso, em si, participar de qualquer governo. (BESANCENOT e LÖWY, 2009, p. 52).

Por meio dessa divisão política, várias concepções de vida são criadas, os conceitos sobre as ideologias “direita” e “esquerda” vão se modificando e a busca incessante pelo poder aumentando. Guevara é conhecido por sua atitude, na qual não deixou com que o poder o dominasse.

Che Guevara é considerado um ícone para os esquerdistas, pois ele lutou em uma revolução em prol de uma sociedade, de igualdade e de liberdade. Se observarmos os defensores de Che Guevara, eles estão carregados de características esquerdistas.

Dialogando com Emir Sader (2003), chegamos à conclusão que ele é ainda lembrado e exaltado, pois ele remete à imagem dos inconformados ou daqueles que vão contra os princípios do capitalismo, contra a exploração dos poderosos e as desigualdades do livre comércio mundial. Apesar de tantas vitórias capitalistas sobre os socialistas, cuja queda do muro de Berlim em 1989 mostra-se como símbolo notável, a dependência dos países subdesenvolvidos aos países desenvolvidos, a extinção da URSS, Che Guevara é ainda lembrado como um símbolo do socialismo, como um ícone para as esquerdas. Devemos observar o tipo de visão sobre Che Guevara de acordo com os princípios seguidos por determinados setores da sociedade.

Como diz Sader (2003), a imagem do Che se tornou sinônimo de engajamento político, solidariedade e internacionalismo, uma alternativa ao mundo predominante dos dias de hoje. Em sua apresentação “Aos diários inéditos da guerrilha cubana: rumo à Sierra Maestra”, Sader (1997, p. 13-14) salienta como a esperança fazia parte do horizonte revolucionário de 1959, ou melhor “se tornou a alavanca revolucionária”. O caráter laudatório que Sader, sociólogo e cientista político de caráter marxista, trata a Revolução Cubana, indica sua posição e nos ajuda a entender a forma como se remeteu ao Che nos escritos dedicados ao revolucionário morto (SADER, 2003). Os protagonistas seriam, nesse contexto, representados como os arautos desta esperança, desta alternativa ao domínio capitalista.

Che Guevara lutou por um mundo de igualdades, tentou levar a revolução por várias partes da América Latina e África. A propósito, levar a revolução para outros países, principalmente na América Latina, era importante para não deixar Cuba isolada. Segundo Emir Sader (2003), Che não buscava especificamente uma revolução na Bolívia, mas integrar os movimentos e guerrilhas dos países Sul Americanos. O que ele propunha era uma revolução para o povo, a busca de melhores condições de vida para as pessoas.

Seu engajamento na revolução explica-se inicialmente por uma vontade de libertar o humano da “gaiola invisível” em que a sociedade encerra o homem enquanto ele permanecer só um lobo para o homem. O socialismo (comunismo) não tem sentido – e não pode triunfar – se não representar um projeto de civilização, uma ética social, um modelo de sociedade totalmente antagônico aos valores do individualismo mesquinho, do egoísmo feroz, da competição, da guerra de todos contra todos no sistema capitalista. Sua aproximação da revolução é antes de tudo uma questão de encontros humanos. (BESANCENOT e LÖWY, 2009, p.32).

Tal como observam os autores citados, a imagem do Che conheceu uma grande repercussão. Esse era o objetivo de Che Guevara, um mundo justo, uma luta contra a miséria onde todos se uniriam por um mesmo objetivo. Enfim, sua imagem ainda lembrada nos dias atuais, se vincula a ideia de igualdade, de mudanças, por desejos, de esperança. Não contra um mundo apenas capitalista, mas contra um mundo de pobreza. Considerado um ícone para os esquerdistas e um assassino para os direitistas, quem foi Ernesto Che Guevara?

Como aponta Besancenot e Löwy (2009, p. 34), Che Guevara, “convertido ao marxismo” não acreditava em sua imposição às pessoas. Che pensava que a aceitação do marxismo deveria ser um ato voluntário, de convencimento e não obrigação¹¹. Além de Marx, Che é tributário do exemplo de Simón Bolívar. Inclusive critica Marx quando este recrimina a ação de Bolívar. Para o Che, Bolívar foi um símbolo de liberdade aos povos da América. Che acreditava que “o marxismo era um guia para a ação” (BESANCENOT e LÖWY, 2009, p. 35).

Oliver Besancenot e Michael Löwy apresentam uma outra faceta de Che Guevara: o pensador. Outros autores também fizeram o mesmo, como Fernando Martínez Heredia (1989). Os autores tendem a observar uma autonomia do pensamento de Che e sua busca por uma via alternativa de socialismo: “mais radical, mais igualitária, mais fraterna, mais humana, mais conforme a ética comunista”. (BESANCENOT e LÖWY, 2009, p. 75).¹² Che Guevara, nesse sentido, postumamente

¹¹ De acordo Besancenot e Löwy (2009, p. 35), Che Guevara teve contato com os “manuscritos econômico-filosóficos” de 1844 e com “O Capital”.

¹² Tomamos como referência para uma das bases do marxismo, “O Manifesto Comunista”, escrito por Marx e Engels, no ano de 1848. Este apresenta de uma maneira breve suas principais bases: a luta de classe como motor da história, a coletivização dos meios de produção, a tomada do poder pelo proletariado e a união internacional dos trabalhadores. Além desse livro, podemos mencionar “A Ideologia Alemã” (1932). Este último também trás as características das ideias marxistas e se constitui uma crítica de Marx aos filósofos alemães de seu tempo.

encarnaria uma possibilidade, uma esperança que ficou inacabada após 1959 e praticamente morta em 1967, uma alternativa viável e idílica de um comunismo ainda não experimentado, mas que seria o ápice de um mundo livre.

Che Guevara não pode ser mencionado somente como um guerrilheiro, um lutador em prol da libertação do povo cubano ou até um destaque por ser médico, mas pode ser lembrado, além de tudo, por ter sido um grande estudioso e pensador, sempre lendo e escrevendo, podendo ser considerado um dos renovadores do pensamento marxista na América Latina. Desde sua juventude demonstrou uma paixão por leitura “[...] tanto o pai como a mãe contribuíram para despertar-lhe o gosto pela leitura [...]” (CASTAÑEDA, 2006, p. 27), chegando a ler as obras de Marx. Talvez esse conhecimento sobre a teoria marxista tenha ditado seu caminho seguido, sua busca por liberdade e igualdade perante a sociedade, o tornando um anticapitalista.

A generalização do capitalismo como nunca havia acontecido na história mundial só atualiza e multiplica os temas pelos quais o Che lutou. Uma sociedade na medida do homem, solidária, cooperativa, de homens livres, encontra no grau de desenvolvimento tecnológico um apoio fundamental. “...atrás de cada técnica há alguém que a empunha”. As relações sociais em que se assenta o capitalismo – a produção cada vez mais social e a apropriação cada vez mais privada, centrada na busca permanente do lucro, que encontra no capital financeiro seu paraíso – é que bloqueiam a possibilidade de os homens se tornarem livres e solidários. (SADER, 2003, p. 79).

Nota-se a partir de Emir Sader que Che Guevara buscava para os cubanos tudo aquilo que Marx escreveu sobre a pretensão de atingir igualdade na sociedade. Buscava a libertação de Cuba de um governo opressor exercido por Fulgêncio Batista, a libertação de uma nação, uma luta de esquerda visando defender a classe trabalhadora e a classe mais pobre do campesinato, pois eram os que mais sofriam com a opressão.

Marx e Engels diziam que o comunismo buscava a igualdade entre os cidadãos. Para eles, existiam duas classes distintas: a dos burgueses e a dos proletários, na qual a primeira detinha todo o poder e a riqueza, enquanto a segunda ficaria com a venda da mão de obra, seriam trabalhadores assalariados. O comunismo buscava encurtar a distância existente entre ambas as classes sociais. O seu objetivo

seria uma “constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado”. (MARX e ENGELS, 1848, p. 29).

Desejava-se o fim da opressão de uns sobre os outros. O sistema que a burguesia utilizava, era considerado por Marx, explorador. Buscava assim, o fim da propriedade privada com o intuito de haver divisões de forma igualitária entre a sociedade.

O que caracteriza o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. Ora, a propriedade privada atual, a propriedade burguesa, é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classe, na exploração de uns pelos outros. Nesse sentido, os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada. Censuram-nos, a nós comunistas, o querer abolir a propriedade pessoalmente adquirida, fruto do trabalho do indivíduo, propriedade que se declara ser a base de toda a liberdade, de toda a independência individual. [...] Mas, o trabalho do proletário, o trabalho assalariado cria propriedade para o proletário? De nenhum modo. Cria o capital, isto é, a propriedade que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar sob a condição de produzir novo trabalho assalariado, a fim de explorá-lo novamente. Em sua forma atual a propriedade se move entre os dois termos antagônicos: capital e trabalho. (MARX e ENGELS, 1848, p. 30).

Notamos que a grande jogada do capitalismo é fazer a pessoa acreditar em sua liberdade, que a partir de seu trabalho irá adquirir bens. Liberdade nunca dada por nenhum sistema anterior. O proletariado, mesmo sendo maioria, por acreditar que é dono de seu trabalho, não faz rebeliões e nem busca deter o poder conforme queriam os comunistas. A citação acima demonstra tal argumento, no qual percebemos que o comunismo queria o fim da propriedade burguesa, ou seja, o fim da opressão, pois a partir do trabalho assalariado não se adquirirá a propriedade.

Várias críticas são feitas ao sistema capitalista. A palavra utilizada por Marx para descrever a invisibilidade da opressão feita pelo sistema foi “Ideologia”, pois o sistema mascara a realidade de seus objetivos, colocando ideias fantasiosas, crenças de que um trabalhador chegará ao ápice financeiro.

No capitalismo podem ver-se alguns fenômenos desse tipo quando aparecem políticos capazes de conseguir a mobilização popular, mas se não se tratar de um autêntico movimento social, e nesse caso não é plenamente lícito falar de capitalismo, o movimento durará a vida de quem o impulsiona ou até o fim das ilusões populares, imposto pelo rigor da sociedade capitalista. Nessa, o homem é dirigido por um frio ordenado que habitualmente, escapa ao domínio de sua

compreensão. O exemplar humano tem um invisível cordão umbilical que o liga à sociedade em seu conjunto: a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, vai modelando seu caminho e seu destino. As leis do capitalismo, invisíveis para o comum das pessoas, e cegas, atuam sobre o indivíduo sem este se precaver. Apenas vê a amplitude de um horizonte que parece infinito. (GUEVARA, 2009, p. 61).

O viés ideológico em relação ao sistema capitalista ainda existe nos dias atuais. Cada vez mais o ser humano busca acumular riquezas, chegando a ter mais de dois empregos. Os laços familiares têm se encurtado no decorrer dos dias, o tempo já não é o suficiente para realização de tantas tarefas. Os valores morais humanos têm sido substituídos por valores de troca, fazendo do homem uma mera mercadoria, uma força de trabalho necessária para o enriquecimento das classes burguesas.

O socialismo proposto por Che Guevara em Cuba colocaria fim nessa opressão que o ser humano tem sofrido. Seriam cidadãos iguais perante toda uma sociedade. Guevara buscava derrubar um governo ditador vivenciado por Cuba nos anos 50. Para ele, a classe pobre deveria se unir para derrubar de vez os regimes autoritários.

A luta de libertação contra um opressor externo, a miséria provocada por acidentes alheios, como a guerra, cujas consequências fazem que as classes privilegiadas recaiam sobre os explorados, os movimentos de libertação destinados a derrubar regimes neocoloniais são os fatores habituais de desencadeamento. A ação consciente faz o resto. (GUEVARA, 2009, p. 62).

Para Che Guevara a união é o fortalecimento de qualquer ideia em voga. “A União de Jovens Comunistas tem de definir-se com uma só palavra: vanguarda” (GUEVARA, 2009, p.34), ou seja, estar sempre à frente de um movimento social.

O jovem comunista deve se propor ser sempre o primeiro em tudo, lutar por ser o primeiro, e se sentir incomodado quando em alguma coisa ocupa outro lugar. Lutar por melhorar, por ser o primeiro. Claro que nem todos podem ser os primeiros, mas podem estar entre os primeiros, no grupo da vanguarda. Ser um exemplo vivo, ser o espelho em que se olham os companheiros que não pertencem às juventudes comunistas, ser o exemplo para onde possam olhar os homens e mulheres de idade mais avançada que perderam certo entusiasmo juvenil, que perderam a fé na vida e que, perante o estímulo do exemplo, reagem sempre bem. Essa é outra das tarefas dos jovens comunistas (GUEVARA, 2009, p. 41).

O comunismo deve buscar o bem para o próximo e para si mesmo, conquistar a igualdade entre todos os cidadãos. É estar sempre ajudando as pessoas e buscando cada vez mais melhorar, lutar pelos direitos e não deixar que o poder esteja nas mãos de poucos, causando desigualdade social. É procurar fazer a divisão de renda justa, diminuindo a desigualdade entre o rico e o pobre. Para Che, é lutar por um país onde todos sejam tratados de forma igual, não só perante a lei, mas perante toda uma sociedade. Para Che, ser comunista:

Junta-se a isso um grande espírito de sacrifício, um espírito de sacrifício não apenas para as jornadas heroicas, mas para todos os momentos. Se sacrificar ajudando o companheiro nas pequenas tarefas para que desse modo possa cumprir seu trabalho, para que possa cumprir seu dever na escola, no estudo, para que, de qualquer maneira, possa melhorar. Estar sempre atento a toda a massa humana que o rodeia. Isto é, propõe-se a todo jovem comunista que seja essencialmente humano, que seja tão humano que se aproxime daquilo que há de melhor no humano, que purifique o melhor do homem por meio do trabalho, do estudo, do exercício da solidariedade contínua com o povo e com todos os povos do mundo, que desenvolvam o máximo a sensibilidade a ponto de sentir angustiado quando um homem é assassinado em qualquer recanto do mundo, ou entusiasmado quando uma nova bandeira de liberdade se levanta em qualquer recanto do mundo (GUEVARA, 2009, p. 41).

Então, para que seus ideais sejam atingidos, deve-se ter perseverança e não deixar que nada desanime seus propósitos. Assim, Che fez seus soldados mais fortes, não fisicamente falando, mas emocionalmente. Estavam lutando em prol de uma nação, de melhorias para seu país e sua família. Che não obrigava ninguém lutar em sua revolução, só estariam ali os que por livre vontade desejassem.

Contudo, não podemos deixar de ressaltar que esse desejo e essa união, foi que formara um exército para dar início a uma guerrilha. Luta essa que reivindicava direitos, derramava sangue, trazia angústia e desespero, mas necessária para concretizar o sonho de um lugar melhor.

Mas perante tudo isso, perante todo esse conjunto de necessidades táticas do guerrilheiro, teria de se perguntar: “Por que luta?” E surge então a grande afirmação: “o guerrilheiro é um reformador social. O guerrilheiro empunha as armas como protesto irado do povo contra seus opressores, e luta para mudar o regime social que mantém todos os seus irmãos desarmados no opróbrio e na miséria. Exercita-se contra as condições especiais de institucionalidade de um dado momento e dedica-se, com todo vigor que a circunstâncias permitem, a destruir as formas dessa institucionalidade”. Vejamos algo importante: de que o guerrilheiro necessita taticamente? Tínhamos dito: conhecimento do terreno

com seus caminhos de acesso e fuga, rapidez de manobra, apoio do povo, e, naturalmente, lugares onde se esconder. Tudo isso indica que o guerrilheiro exercerá sua ação em lugares agrestes e pouco povoados. E, nos lugares agrestes e pouco povoados, a luta do povo pelas suas reivindicações situa-se de preferência, e até quase exclusivamente, no nível da mudança da composição social de quem possui a terra, isto é, o guerrilheiro é, fundamentalmente, e antes de mais nada, um revolucionário agrário. (GUEVARA, 2009, p. 47).

A citação nos permite fazer duas observações. A primeira que um guerrilheiro estando em conflito necessita-se empunhar armas aos inimigos, se não o fizer, essas armas serão empunhadas contra ele. Sendo assim, podemos dizer que os guerrilheiros ao mesmo tempo em que estão matando pessoas, não podem ser considerados como meros assassinos, pois ali contém um objetivo para além de várias mortes. A segunda observação é a de que Che Guevara conseguiu tudo o que é necessário a um guerrilheiro. Mesmo com seu problema asmático, contou com lugares pouco povoados e com a ajuda dos camponeses que os acolhiam e aderiam-se no movimento revolucionário.

A mobilização de vários soldados em busca da libertação de Cuba do governo de Batista buscava o fim da opressão ao cidadão cubano. Fidel Castro e Che Guevara queriam instalar nesse país um novo sistema, o chamado socialismo, que traria nova forma de vida ao povo e um governo justo.

[...] O homem, no socialismo, apesar de sua aparente estandardização, é mais completo; apesar da falta de meios apropriados, sua possibilidade de se expressar e de se fazer sentir no aparelho social é infinitamente maior. [...] Para que se desenvolva no primeiro caso, o trabalho deve adquirir uma condição nova; a mercadoria-homem deixa de existir e instala-se um sistema que estabelece uma cota pelo cumprimento do dever social. Os meios de produção pertencem à sociedade e a máquina é apenas a trincheira onde se cumpre o dever. O homem começa a libertar seu pensamento do fato repugnante que pressupunha a necessidade de satisfazer suas necessidades animais por meio do trabalho. Começa a ver-se retratado em sua obra e a compreender sua grandeza humana por meio do objeto criado, do trabalho realizado. Isso já não implica deixar uma parte de seu ser em forma de força de trabalho vendida, que não mais lhe pertence, antes significa uma emanção de si mesmo, um contributo à vida comum em que se reflete: o cumprimento de seu dever social. (GUEVARA, 2009, p. 66).

O socialismo buscava o fim da visão de o homem ser um mero reproduzidor. O sistema não é contra o homem vender sua força de trabalho por dinheiro, mas por

receber um salário tão insignificante em relação ao que se produz. O socialismo prega que o homem é capaz de se sentir melhor e mais realizado se ele tiver uma maior liberdade.

A apropriação feita pela direita em relação à imagem de Che Guevara não o vê como um mito e nem como um herói, mas como um assassino, uma farsa. Che Guevara por vezes é chamado de nojento – não gostava de tomar banho. Porém, o mais comum dos direitistas, é o trata-lo como assassino.

Há quase 42 anos, Ernesto "Che" Guevara recebeu uma grande dose de seu próprio remédio. Sem qualquer julgamento, ele foi declarado um assassino, posto contra um paredão e fuzilado. Historicamente falando, a justiça raramente foi tão bem feita. Se o ditado "tudo o que vai, volta" expressa bem uma situação, é esta. (FONTOVA, 2009,s,p)

Segundo Humberto Fontova, a palavra “ódio” parecia ser apreciada por Che Guevara, pois em grande parte de seus escritos ela era encontrada. O autor o trata como uma farsa, mencionando a fala de Benício Del Toro ao estrelar os filmes propostos neste trabalho, segundo Toro “Che foi um daqueles caras que falavam e faziam. Era coerente. Sempre tem algo de *cool* em pessoas assim. Quanto mais vou conhecendo Che, mais o respeito” (FONTOVA, 2009, s.p). O autor discorda com a fala de Benício Del Toro e afirma que ele conhece pouco a verdadeira história deste personagem dizendo que “aparentemente Del Toro se entusiasmou tanto com a imagem *cool* de Che que esqueceu-se de examinar seu histórico” (FONTOVA, 2009, s.p).

Conforme analisado, Che Guevara era visto como uma farsa, todos os adjetivos dados pelos esquerdistas são completamente detonados pelos direitistas que defendem um ideal diferente, dizendo que Che não seria nada se não tivesse conhecido Fidel Castro. O que devemos perguntar é: como a partir de tanto desmerecimento feito pelos direitistas, Che Guevara conseguiu um status tão “consagrado”?

A resposta é que esse nômade psicótico e completamente inexpressivo chamado Ernesto Guevara teve a magnífica sorte de associar-se ao maior assessor de imprensa da história moderna, Fidel Castro, que por meio século sempre foi capaz de manter toda a imprensa mundial diligentemente à espera de diretivas, correndo para ele a cada chamado seu, como pombos

treinados. Caso Ernesto Guevara De La Serna y Lynch não tivesse se juntado a Raul e Fidel Castro na Cidade do México naquele fatídico verão de 1955; caso ele não tivesse se associado, um ano antes, a um exilado cubano na Guatemala chamado Nico Lopez, que mais tarde o apresentou a Raul e Fidel Castro na Cidade do México; tudo indica que Ernesto continuaria vivendo sua vida de viajante vagabundo, mendigando e molestado mulheres, dormindo em albergues inabitáveis e escrevendo poesia ilegível. (FONTOVA, 2009, s.p).

Além de não ser reconhecido como um guerrilheiro, a visão do autor e de parte da direita é de que Che Guevara possuía uma vida “fácil” de viajante e completa ainda que não havia um segmento de laços familiar por parte do personagem, constatando que ele possuía casos com outras mulheres, afirmando que a esposa de Che foi abandonada no ano de 1957.

Enfim, a esquerda possui uma visão agradável em relação a Che Guevara enquanto a direita não possui uma visão tão favorável assim. “Covarde, incompetente e assassino: esses são alguns adjetivos adequados para definir o maior ídolo de nossas esquerdas tupiniquins. Lamentável” (GANDOLFE, 2015, s.p).

1.3. *Problemas no ensino de América Latina e da Revolução Cubana.*

Nos dias atuais, o professor tem a difícil tarefa de cumprir com um cronograma em um espaço curto de tempo. As aulas estão cada vez mais reduzidas e o docente tem que selecionar conteúdos para passar a seus alunos. Algumas vezes o professor uni temas que se aproximam para que haja um seguimento cronológico e para que os alunos não fiquem perdidos sem entender o intuito da disciplina de História.

Existe uma enorme diversidade de livros didáticos que apresenta a História da América Latina e da Revolução Cubana. Não temos a intenção de fazer uma análise pormenorizada de tal assunto, mas temos o intuito de ver alguns exemplares para analisar, brevemente, como o assunto está representado. Em meio a tantos livros didáticos, escolhemos dois, devido estarmos trabalhando atualmente com eles em sala de aula.

Examinaremos o que os livros didáticos apresentam sobre a história de Cuba e como a figura de Che Guevara aparece em meio às suas páginas. Tomando primeiramente o livro didático “História: das cavernas ao terceiro milênio” de Patrícia

Ramos Braick e Myriam Becho Mota, do ano de 2007, nota-se que a vida política de Cuba ocupa pouco mais de uma página. Há um tópico nomeado de “A Revolução Cubana” (p. 644), no qual sua história se resume em:

Em janeiro de 1959, cerca de 80 guerrilheiros, liderados por Fidel Castro e pelo argentino Ernesto Che Guevara, instalaram-se no território cubano de Sierra Maestra, de onde lançaram um movimento de guerrilha e tomaram o poder. Os aliados de Batista foram fuzilados e Fidel Castro foi proclamado primeiro-ministro. O novo líder prometeu a realização de eleições livres assim que a situação interna se normalizasse – no entanto, até hoje, essas eleições não aconteceram. (BRAICK e MOTA, 2007. p. 644)

Observa-se que a figura de Che Guevara aparece como um dos líderes do movimento. É perceptível certo tom depreciativo do movimento revolucionário, uma vez que o texto aponta o fuzilamento e a não ocorrência de eleições após a vitória dos revolucionários. O tópico sobre a revolução aparece de forma muito resumida e o professor completará essa lacuna e irá rever aquele tom depreciativo (qual o motivo). Percebe-se que os dois pontos aludidos no tópico anterior e que se mostram como motores da Revolução não foram mencionados: a crise política e social cubana e a presença inquietante norte-americana.

O livro menciona que nem tudo que foi prometido foi cumprido, mas ressalta partes benéficas à população a partir da entrada de Fidel Castro no poder:

Ainda assim, o governo revolucionário teve inegáveis méritos no campo social: o analfabetismo foi erradicado, a saúde passou a ser um direito efetivo da população, as empresas estrangeiras foram nacionalizadas e a reforma agrária se tornou realidade. Não obstante, o quadro político, marcado pelo desrespeito às liberdades individuais, acarretou a fuga em massa de cubanos, que começaram a buscar exílio nos Estados Unidos. (BRAICK e MOTA, 2007. p.644)

A partir desse ponto, relata-se o treinamento de “anticastristas” feito pelo governo dos Estados Unidos como impulso para uma guerra civil e a derrubada do governo revolucionário. Contudo, essa tentativa falhou. Quanto à morte de Ernesto Che Guevara, encontra-se um pequeno parágrafo sem muitas informações que diz: “Entre 1965 e 1967, Cuba apoiou movimentos guerrilheiros na América Latina. Em 1967, Che Guevara foi executado pelo exército boliviano quando tentava estabelecer um foco de

guerrilhas no interior da Bolívia”. (BRAICK e MOTA, 2007. p.645). Os autores não aprofunda a discussão sobre os motivos ou interesses que levaram Cuba a apoiar guerrilhas e outros levantes nos demais países americanos. Voltaremos a esta questão a seguir.

Logo após o resumo da história da Revolução Cubana, observa-se um salto cronológico, chegando ao ano de 1972 abordando questões referentes aos problemas econômicos enfrentados por Cuba a partir do momento em que se tornou socialista, mencionando ainda que “os Estados Unidos impuseram um forte boicote econômico, suspendendo seus negócios com o pequeno país do Caribe e pressionando parceiros comerciais para que fizessem o mesmo” (BRAICK e MOTA, 2007. p. 645). Com isso, Cuba passou a depender da ajuda soviética. A situação econômica do país cubano volta a melhorar no ano de 1993 quando “foi autorizada a formação de pequenas empresas privadas em Cuba e, no ano seguinte, os investimentos estrangeiros nas áreas de turismo e serviços tiveram aumento significativo” (BRAICK e MOTA, 2007. p. 645)

A passagem sobre a História de Cuba é concluída com a informação de que Fidel Castro deixou a presidência no ano de 2006 devido a problemas de saúde. Ele teve como sucessor seu irmão Raul Castro, que a partir de então assumiu o poder interinamente com a disposição de negociar uma reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos. Atualmente, Raúl Castro ocupa o cargo de presidente do Conselho de Estado da República de Cuba.

Encontra-se uma imagem (**Figura 01**) dos guerrilheiros que lutavam em prol da libertação de Cuba. Estes apresentam um semblante de tranquilidade. Nessa imagem há a presença das armas com os guerrilheiros, bem como a farda utilizada por eles em combates.



Figura 01: Raúl (abaixo), Che Guevara (segundo à esq.) e Fidel (ao centro) no período da Revolução Cubana - foto foi tirada 1958.¹³

Outro livro analisado é “História Geral e do Brasil” de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo do ano de 2010, no qual não apresenta tanta diversidade sobre o conteúdo, apesar de haver algumas informações distintas, ambos os livros seguem uma mesma linearidade para falar sobre a Revolução Cubana, de forma restrita, porém com importantes informações. Os autores mencionam que a partir da década de 1950 surgiu o movimento guerrilheiro anti-ditatorial sob liderança de Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Che Guevara. (VICENTINO e DORIGO, 2010, p. 707). Somente esse fato é apresentado sobre os anos 50 e a Revolução Cubana.

Entretanto, ele se preocupa mais em ressaltar a história de Cuba no pós revolução, destacando o problema econômico enfrentado quando os Estados Unidos suspenderam a importação do açúcar cubano e ainda o rompimento das relações diplomáticas no ano de 1961 entre Estados Unidos e Cuba.

¹³ Imagem disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/cuba-1-fulgencio-batista-fidel-castro-e-a-historia-da-revolucao-cubana.htm> acessado: 18/02/16. Essa é a mesma imagem presente no livro didático. A utilização da imagem da internet teve como intuito proporcionar uma imagem mais nítida.

Há uma diferença nas informações de uma das datas contidas em suas páginas. No qual encontramos: “Na Bolívia, Colômbia e países centro-americanos, atuava pessoalmente o líder da Revolução Cubana, “Che” Guevara, que acabou morto em outubro de 1962 na Bolívia” (p. 708). Percebemos um equívoco em tal informação, visto que nos outros livros mencionados e também em suas biografias, a morte de Guevara se deu em outubro de 1967 e não de 1962. Pode-se dizer que talvez houve um descaso, por parte do autor, com a história de Che Guevara, pois demonstra que o assunto era tão sem importância que não se deu o trabalho de “checar” se a data estava certa ou errada.

Encontra-se uma imagem (**Figura 02**) de Che Guevara e Fidel castro, logo abaixo da pequena parte que se refere sobre a Revolução Cubana, porém não há uma discussão sobre ela, encontra-se apenas como uma ilustração para completar as informações presentes no Livro didático de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo.

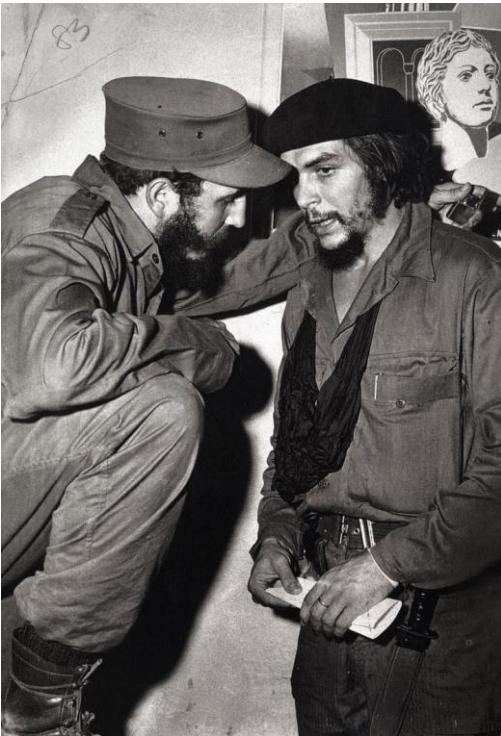


Figura 02: Fidel Castro, à esquerda, conversa com Che Guevara, em foto de 1959¹. (p. 707).

Che Guevara aparece nos livros didáticos mencionados como um líder revolucionário, mas não possui informações suficientes para o aluno conhecer sua

história e a posterior difusão de sua imagem. Além disso, há uma tendência à “tiranização” do movimento revolucionário. Com isso, a utilização dos filmes propostos será de grande auxílio ao docente que, em sala de aula, queira utilizar uma figura tão conhecida na América Latina como meio de construção de olhar crítico sobre as experiências históricas e os sujeitos históricos.

Os livros analisados apresentam uma ênfase maior no pós-revolução, explicando os problemas enfrentados por Cuba e a tentativa de derrubar Fidel. Quanto à figura de Che Guevara, aparece como um líder revolucionário, que teve como principal luta a Revolução Cubana e que foi executado na Bolívia. Porém, não as informações são insuficientes para uma discussão mais ampla em relação à Revolução liderada por Fidel Castro.

Há uma preocupação maior com os interesses dos Estados Unidos estarem sendo “feridos” do que com a própria guerrilha, a libertação de um país de um regime ditatorial. O livro possui um viés ideológico diferente do filme, e nossa proposta será trazer para os alunos o máximo de informações possíveis para que ele possa construir sua visão em relação ao conteúdo, utilizando tanto o livro quanto o recurso didático – os filmes, que narra toda a história da guerrilha, da libertação de Cuba de um regime opressor, destacando a figura de Ernesto Guevara, uma figura tão emblemática e tão discutida ainda no século XXI.

Mas por que se lembrar de Che Guevara? Identificamos, nas biografias e nos relatos referentes à Revolução Cubana, várias referências para a construção da imagem do Che, destacando: o comprometido com a causa revolucionária e o médico altruísta, tais visões que marcaram sua participação na Revolução Cubana é significativa e presente nos filmes. Elas se juntam, segundo Adriane Vidal Costa, a propósito, com aquela do “intelectual engajado” ou do “médico comprometido com uma causa” (COSTA, 2013, p. 65).

Identificamos como essas duas referências alicerçam-se nos escritos de seus diários. Nos dias atuais, Che Guevara ainda é lembrado e bastante discutido por diversos grupos, seja como herói ou como “assassino”. Mas, por que ainda hoje a imagem de Che Guevara é tão lembrada?

Segundo Jorge Castañeda, Guevara morreu em um momento certo para

entrar para a História. Os anos 60 foram marcados por vários movimentos populares, inclusive movimentos estudantis, que buscavam na imagem e nos ideais de liberdade evocados por Che uma inspiração. Assim, se dá a construção do imaginário de um Che herói, ou de uma figura emblemática. “O que mais favoreceu a criação do mito, e a consonância do homem com seu tempo, foi a morte” (CASTAÑEDA, 2006. p. 511). O autor toma a morte de Che como uma mola propulsora para dar início a novos movimentos.

A morte de Che Guevara deu significado a sua vida, e sua vida a seu mito. Se o comandante não fosse executado pelo tenente Terán, na escuridão da miserável escolinha de La Higuera, teria igualmente realizado proezas épicas e gloriosos feitos, mas seu rosto não estaria hoje em tantos milhões de paredes e peitos. Caso o governo boliviano o tivesse indultado, ou a CIA lhe salvasse a vida, a contribuição do Che a sua causa poderia ter sido muito maior, mas o auto-sacrifício jamais teria as dimensões que teve. Sua morte, aguardada, quem sabe até bem-vinda, não foi um final triste e definitivo, mas o previsível e irrevogável início de uma nova jornada. As circunstâncias da execução transcenderam a tragédia que toda morte encerra para gerarem um mito que perduraria até o fim do século. Como ele sempre imaginou, foi uma morte grandiosa: a sangue-frio, heroica, bela, estóica – assim a retrataram as fotos póstumas que deram origem a esta história. Numa palavra, foi uma morte emblemática. (CASTAÑEDA, 2006. p. 505).

Para o autor, a morte se relaciona à construção de um personagem histórico, considerado como um herói para muitos. A ideia deste autor é a de que Che Guevara morreu no momento certo para se tornar “inesquecível”. Talvez, se ele tivesse morrido alguns anos após, ou até mesmo antes, ele não seria conhecido atualmente, e não teria seu rosto estampado em milhares de camisetas e tatuagens. Mas, também não seria completamente esquecido por um povo que o viu sofrer, guerilhar e buscar a libertação da classe desfavorecida. Pode até ser que a morte tenha contribuído para tal lembrança, mas a transformação de um sujeito em mito se dá através de sua vida e de todos os passos dados para alcançar seus objetivos, ou seja, a vida de Che é que deu significado à sua vida e não sua morte.

Havia o desejo da Revolução Cubana por liberdade. Esta estava vinculada à deposição de Fulgêncio Batista e a eliminação da dominação americana. Contudo, segundo Rafael Saddi Teixeira (2009), os revolucionários foram vistos de formas diferentes pela historiografia:

No interior da historiografia da Revolução Cubana, a figura do revolucionário foi constantemente tratada de duas formas. Algumas vezes como um revolucionário racional com um programa revolucionário sistemático e um conjunto de estratégias e táticas racionais voltadas para a realização do programa. Dentro desta postura, o revolucionário aparece como o político calculista, frio e dissimulado traçado por Cabrera Infante ao analisar a liderança de Fidel Castro; ou como o revolucionário consciente, dotado de capacidade de previsão, com um programa e estratégias sistematicamente estabelecidos como a imagem traçada por Marta Harnecker (2000) e também por Okunieva (1988), que viam no processo revolucionário cubano uma aplicação do leninismo na ilha. Outras vezes, o revolucionário cubano foi tratado como um santo humanista, dotado de profundos sentimentos de amor à humanidade e à vida. Talvez ninguém melhor do que Che Guevara encarnou em diferentes discursos estes dois personagens opostos. Hora aparece como um Jesus Cristo do século XX, hora como uma máquina fria de matar. Estas imagens opostas sobre os revolucionários que atuaram na luta insurrecional cubana estão impulsionadas por posições políticas claramente determinadas, sejam de oposição ou adoração ao regime cubano, e criaram fórmulas unilaterais que ignoraram a complexidade da ação revolucionária. (TEIXEIRA, 2009, p.9)

Foram atribuídas a Che Guevara diferentes faces – ora apresentado como um herói ora como um homicida. A imagem de um Che heroico deve-se, ao seu envolvimento no processo revolucionário cubano e sua malograda iniciativa de revolução na Bolívia. Che ficou conhecido ainda, pelo seu carisma popular. Como diz o jornalista Flávio Tavares (2013), a quem Che Guevara desperta grande simpatia, “O grande legado de Ernesto Che Guevara não foi político, mas humano” (TAVARES, 2013, p. 13).

Nem todos são adeptos às imagens de herói, médico e humano. Che Guevara tem seu lado conhecido como assassino ou máquina fria de matar. Como nos mostra uma edição da *Veja* de outubro/2007 trazendo como matéria “Che: há quarenta anos morria o homem e nascia a farsa” (SCHELP e TEIXEIRA, 2007, p. 82). Nessa matéria tem várias ofensas à figura de Guevara, como por exemplo:

[...] seu esquecimento deve-se ao fato de que o pedido de misericórdia, o apelo desesperado pela própria vida e o reconhecimento sem disfarce não combinam com a aura mitológica criada em torno de tudo o que se refere à vida e à morte de Ernesto Guevara Lynch de la Serna, argentino de Rosário, o Che, que antes, para os companheiros, era apenas “el chancho”, o porco, porque não gostava de banho e “tinha cheiro de rim fervido”. (SCHELP e TEIXEIRA, 2007, p. 82).

Não somente a revista *Veja* o trata assim, como também em meio a população vários o consideram como um “porco” ou um “assassino”. Notamos nos

desenhos de TV uma ironia com a figura de Guevara, como será discutido mais adiante, e essa sátira provém de algumas crenças ou conhecimentos que uma pessoa possui sobre Ernesto Guevara.

Segundo os autores da reportagem na revista *Veja*, Che Guevara eliminava seus próprios companheiros, quando estes eram inexperientes na arte de guerrilhar. Além de criticar Che enquanto guerrilheiro, a revista ainda relata a falta de experiência de Che com a economia ao assumir cargos de comando do Banco Central. “Como homem de carne e osso, com suas fraquezas, sua maníaca necessidade de matar pessoas, sua crença inabalável na violência política e a busca incessante da morte gloriosa, foi um ser desprezível” (SCHELP e TEIXEIRA, 2007, p. 84).

Por outro lado, devemos destacar que dez anos antes a própria revista *Veja* publicava uma reportagem de Dorrit Hazarim (1997), a respeito de Che Guevara, seguindo um tom, de certo modo, elogioso. Esta reportagem remete ao achado, naquele ano de 1997, da ossada do guerrilheiro, morto na Bolívia em 1967. Se referindo ao filósofo Jean-Paul Sartre, a revista nesta ocasião observou que:

Che Guevara tinha tudo para se tornar imortal: era bonito, destemido e morreu jovem, defendendo conceitos igualmente jovens, como a solidariedade e a justiça social. Sonhou com um novo homem para o século XXI e viveu como “o homem mais completo do século XX”, segundo a clássica definição de Jean-Paul Sartre. Foi radical, moralista e consequente (HAZARIM, 1997, p. 97).

Nossa proposta será a de trabalhar com as diversas abordagens atribuídas a Che Guevara, buscando em torno delas um significado para uma melhor compreensão histórica e, a partir de novas fontes, encontrar caminhos para uma educação melhor e mais humana. As diversas faces de Che encontradas nas leituras sobre ele poderão embasar uma discussão interessante com os alunos, e chegando às imagens de Che ainda hoje encontradas pelo país e pelo mundo.

Che Guevara foi visto por várias pessoas como uma figura carismática, popular, “humilde”. Flávio Tavares (2013) relata em seu livro alguns dias que esteve ao lado de Che Guevara direta ou indiretamente. Foi em uma conferência da OEA (Organização dos Estados Americanos) ocorrida em Punta del Este no ano de 1961. Em uma passagem de admiração ao Che ele diz:

Os representantes dos demais países chegam à sede da conferência em luxuosas limusines. Engravatados, sapatos de verniz reluzente, fisionomia séria, só descem dos carros quando os cadetes uruguaios, em uniforme de gala, abrem a porta e lhes prestam continência. Ernesto Che Guevara é o único a pé, mas chega à praça da reunião ante ainda que boa parte de delegados. Provocativo e a gritos, um radialista uruaio lhe pergunta:

- Usted no tiene auto, doctor Guevara??

- Tengo piernas! – responde num sorriso irônico.

Ali, naquele momento, naquela pergunta e naquela resposta, afloravam as diferenças de comportamento e visão de mundo que, nos dias seguintes, marcariam a conferência e, pouco a pouco, transformariam Ernesto Che Guevara em personagem mítico. Humanismo e utilitarismo pragmático iriam enfrentar-se, abrindo uma contenda interminável. (TAVARES, 2013, p. 18)

Che carregava, assim, a imagem de carismático. Contudo, devemos ressaltar que o jornalista Flávio Tavares tem histórico de militância junto à esquerda brasileira e ao movimento estudantil. Estes fatos se constituem em dados importante para a leitura de sua entrevista. Deve-se ressaltar que ele também foi visto como uma pessoa irônica. Com isso causando algumas polêmicas com relação à sua personalidade. Che é “onipresente e multifacetado, ele é uma soma de muitos rostos” (TAVARES, 2013, p. 25). Foi chamado de irônico também, quando houve a revolução monetária em Cuba, trocando a moeda da ditadura de Batista, na condição de presidente do Banco Nacional de Cuba, Ernesto Guevara assina as notas que valem uma fortuna apenas como “CHE” que foi como ficou conhecido como combatente.

Como observamos anteriormente, há uma diversidade muito grande da figura de Ernesto Che Guevara. Aprofundaremos o exame sobre algumas delas, de modo a recuperar, em parte, alguns aspectos de uma possível recepção do Che, tal como apontou Marc Ferro (2010). Sabe-se que Che Guevara possui seu rosto estampado em camisetas e tatuagens. Podemos nos indagar: “quem usa a camiseta de Che conhece sua história?” Ou ainda, “quais os possíveis sentidos e intuito de uma pessoa fazer uma tatuagem de Che Guevara em parte de seu corpo?”. Podemos relacionar essas apropriações com a imagem do Che cinematográfico?

Cabe aqui analisar as diferentes fontes da imagem de Che Guevara para dar aos alunos diversas possibilidades a serem consideradas, não ficando com uma imagem pronta e acabada, mas abrindo espaço ao que é possível pensar a respeito dos sujeitos e fatos históricos.

Tendo em vista o que foi analisado anteriormente nos diários e nas biografias do Che, destacaremos, a seguir, algumas imagens de Che Guevara. A primeira imagem (**figura 03**) a ser relatada de Che Guevara, é a foto que Alberto Korda – fotógrafo oficial de Fidel Castro – tirou em Cuba. Imagem esta que passou a ser projetada, reproduzida, difundida em camisetas, tatuagens e demais veículos de comunicação imagética pelo mundo todo. Dessa forma, tornou Che um ícone da resistência, da revolução e, até mesmo, da contradição, uma vez que a grande difusão da imagem, da venda de camisetas, se relaciona com interesses capitalistas contrários com os ideais do Che. Por diversos lugares do mundo, nos deparamos com pessoas utilizando a camiseta com a imagem de Che Guevara.



Figura 03: A foto original foi tirada pelo fotógrafo Alberto Korda em Cuba.¹⁴

Pressupõe-se que a utilização dessas camisetas se dá porque a pessoa diz ser revolucionária ou por querer apontar certo comprometimento com o bem estar da sociedade; talvez também por se considerar um rebelde. Elas identificam no Che o ideal de conduta daquele que luta e persegue insistentemente, com sucesso, os seus objetivos. E ainda, outra possibilidade de interpretação é a que, simplesmente usam por usar. São inúmeros modelos de camisetas, com variadas estampas. Do mesmo modo,

¹⁴ Imagem disponível em: <http://www.camisetadigital.com.br/blog/historia-da-camiseta-che-guevara/>
Acessado em: 29/10/2015

não se tem ao certo um perfil de pessoa que a utiliza. Existe um mercado que produz as camisetas e as vende não importando a quem ou para que. Há também o consumidor. Uma produção para o consumo em massa que nada tem a ver com um ideal político e ideológico. A faixa etária, portanto, também não é determinada, sendo encontradas camisetas com diversas pessoas, de grupos e classes sociais diferentes que as usam, às vezes sem motivos aparentes.

Podemos mencionar a imagem de Che encontrada em desenho animado. Por exemplo, no desenho “Fudêncio”¹⁵, o personagem Popoto (**Figura 04**) aparece utilizando a camiseta estampada com o rosto de Che Guevara. Porém, temos que ressaltar que Popoto é um personagem pouco inteligente. Pressupõe-se, assim, que a intenção de seu criador é fazer uma crítica à figura de Che Guevara e de seus fãs. Qual seria sua concepção imaginária em relação ao Che? Não se sabe ao certo, mas a partir do desenho, pode-se dizer que Che Guevara não é visto como um herói, nem como um grande revolucionário. Sendo uma forma satirizada que é representada na figura de um personagem – Popoto – nada relacional com a inteligência, astúcia e a rebeldia apresentada em Che e em suas atitudes.

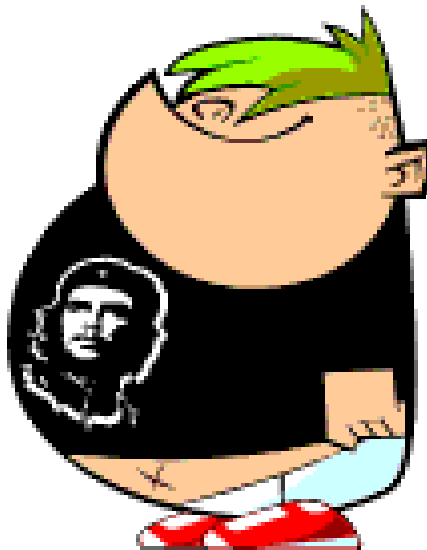


Figura 04¹⁶: Personagem Popoto da série animada “Fudêncio”.

Também apresentamos aqui uma estampa com as feições misturadas de

¹⁵ Série de televisão animada voltada para um público adulto. Estreou na MTV Brasil em 2005 e teve, até hoje, 6 temporadas. A série trata das aventuras do personagem Fudêncio e seus amigos.

¹⁶ Imagem disponível em: <http://site.vetorizar.com/popoto/> Acessado em: 29/10/2015.

Che Guevara com o rosto de “Seu Madruga” – da série mexicana “El Chavo”¹⁷ - em uma capa de proteção de pneu de estepe de carro, na cidade de Ouro Preto – Minas Gerais (**Figura 05**). A imagem carrega a frase “La venganza nunca es completa, mata el alma y envenena”, podemos dizer que essa frase seria uma tentativa de atribuir uma seriedade ao personagem Che Guevara. Essa frase aparece no programa El Chavo – para brasileiros visto como “Chaves”, em um de seus episódios da seguinte forma “a vingança nunca é plena, mata a alma e envenena”. Aparentemente, há o esforço de evocar a frase emblemática de Che: “Hay que endurecerse, però sin perder la ternura jamás”. A estampa mostra a tradicional boina com uma estrela vermelha utilizada por Che Guevara, evocando o pensamento de que seria apenas uma mistura de dois personagens ícones que a partir de um bordão fizeram história. Todo questionamento há de ser levantado, mas não podemos deixar de concluir que por se tratar de um personagem cômico, a mistura das imagens pode trazer uma inferioridade ao personagem de Che e ao mesmo tempo do “Seu Madruga”, mas também pode ser levada para o lado de uma luta contra a opressão e a pobreza que ambos possuem em comum. Ou, sob a perspectiva da produção de massa, seja também mais um emblema criado para qualquer pessoa consumir sem qualquer referência à imagem.



Figura 05¹⁸: Imagem que mistura elementos de Che Guevara e Seu Madruga.

¹⁷ Série de televisão cômica criada por Roberto Gomes Bolaños. Foi produzida entre 1971 e 1980. Até hoje é muito popular no Brasil. A série relata as aventuras e travessuras do garoto Chaves e seus amigos.

¹⁸ Arquivo Pessoal (Fotografia realizada em Ouro Preto/ MG, no dia 18 de julho de 2014).

Já a presença de Che em tatuagens é bem difundida e recorrente. Deparamo-nos a todo o momento com pessoas tatuadas com o rosto de Che Guevara em diversas partes do corpo. Qual o objetivo da tatuagem? Os princípios são os mesmos de quem utiliza a camiseta, porém um pouco mais ousados, uma vez que se trata de uma inscrição corporal permanente. Se formos pensar sobre o valor que apresenta um símbolo tatuado no corpo, não seria qualquer um a tatuar em seu corpo a imagem de Che, a menos que este representasse um ídolo do qual queremos nos apropriar e colocar no corpo. Por outro lado, o valor estético atribuído à tatuagem deve, também, ser considerado.

Apresentamos também uma figura polêmica dos gramados do futebol argentino – Diego Armando Maradona Franco¹⁹ – que, de acordo com Canônico (2009), “em seu braço direito, Maradona tem uma tatuagem com o rosto do revolucionário e médico argentino Ernesto Che Guevara. Certamente, o comunista, morto em 1967, na Bolívia, deve servir de inspiração para o técnico da Argentina²⁰ em diversos momentos” (CANÔNICO, 2009, s.p). Pelo visto, Maradona possui uma ideologia política de esquerda.

De la pobreza al futbol y la fama, de los abismos de la cocaína al tratamiento de su adicción en Cuba, el mejor jugador del siglo XX, según la FIFA (53.6 por ciento de los encuestados), demostró ser un hombre generoso y agradecido. En 2000, donó las regalías de su biografía Yo soy el Diego al pueblo de Cuba y a Fidel, y desde entonces lleva al Che tatuado en el hombro derecho, y al Comandante en la pantorrilla izquierda. (STEINSLEGER, 2010, s.p).

Há uma foto conhecida do jogador, na qual ele aparece sem camiseta, mostrando sua tatuagem, com a bandeira da Argentina e ainda um charuto em sua boca (**Figura 06**). Podemos questionar o porquê da tatuagem, pois Maradona não foi e nem é um revolucionário, ao contrário, é polêmico e está sempre provocando comentários negativos à sua imagem. Mas ele poderia simpatizar com a luta e a garra de Che junto com Fidel Castro para conseguir a liberdade do povo cubano, com o qual o jogador tem se aproximado nos últimos anos. Lembrando que o charuto é um produto

¹⁹ Nascido em 30 de outubro de 1960 em um bairro precário do subúrbio de Buenos Aires chamado Villa Fiorito. Filho de um operário, começou a jogar futebol aos 9 anos num time infantil, Los Cebollitas. Disponível em: <<http://www.mibuenosairesquerido.com/Personagens05.htm>> acessado em: 30/10/2016.

²⁰ Atualmente Maradona não é mais técnico da seleção argentina.

de Cuba e almejado por diferentes fumantes do mundo e que o mesmo charuto é um dos ícones representativos da imagem de Che Guevara que o trazia sempre a boca.

Não é difícil fazer a relação entre Maradona e Cuba, pois o ex-jogador é amigo de Fidel Castro, “craque argentino e líder cubano são amigos desde 1987”²¹. Sendo assim, a tatuagem feita pelo argentino, pode simplesmente fazer uma homenagem ao Che que lutou pelo povo cubano, país que Maradona possui enorme respeito e algumas vezes estadia – inclusive para fazer tratamentos – bem como para expressar as características da esquerda, a qual Maradona parece defender.

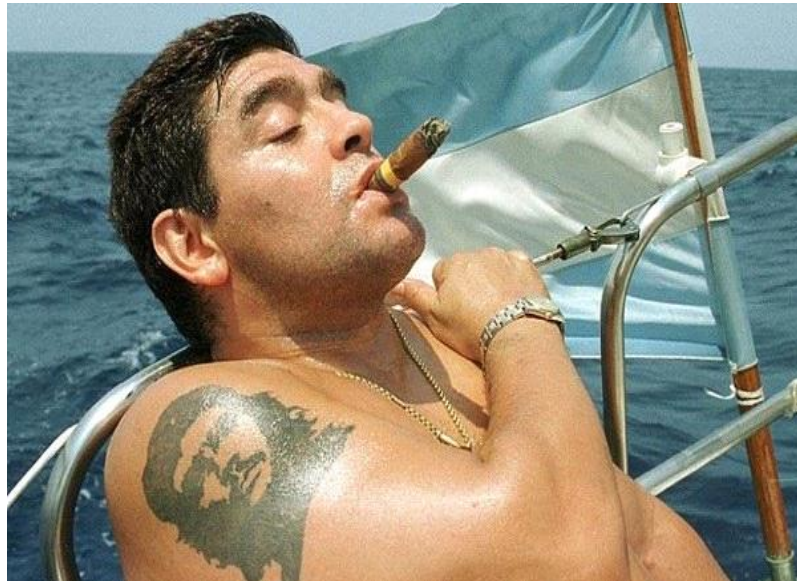


Figura 06: Maradona, a tatuagem do Che e o charuto.
Fonte: <http://www.hey-che.com/diego-armando-maradona/>

A maior dificuldade encontrada é a de responder “quem é Che Guevara?” Um personagem heroico, irônico, carismático, das estampas de camisetas, das tatuagens... São inúmeros estereótipos que podem ainda ser apresentados. Há ainda a controvérsia dos fatos, apontando que existe uma dupla face de Che Guevara, na qual “hora aparece como um Jesus Cristo do século XX, hora como uma máquina fria de matar” (TEIXEIRA, 2009. p. 10).

Nesse panorama, o professor precisa considerar essas diversas imagens do

²¹ Informações disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/fidel-castro-encontra-maradona-em-havana.html>> acessado em: abril/2016.

Che e ter em mente o que o aluno pode trazer para a sala de aula. Ao mesmo tempo, é preciso pensar que os alunos também podem não conhecê-lo. A partir dessas considerações, o professor terá um norte, uma coordenada para discutir e trabalhar os temas relacionados à Revolução Cubana. É preciso conhecer e contrapor os “diversos Ches” ao Che histórico e construir, com os alunos, um Che “humano”.

1.4. *As diversas faces de Che Guevara*

Mas o que dizem os biógrafos de Che? Tomaremos como base as biografias “Che Guevara: uma biografia” de Jon Lee Anderson e “Che Guevara: a vida em vermelho” de Jorge G. Castañeda.

Para o jornalista americano Jon Lee Anderson (1997), havia em Che Guevara uma paixão romântica combinada com pensamento friamente analítico. Ele retrata ainda sobre “os fantasmas de Che”. Para o autor, haviam outros revolucionários que se inspiraram na vida do Che. Essa inspiração era temida pelos grandes políticos, pois, a qualquer momento, poderia influenciar para haver uma revolução de caráter popular.

Já após o período da morte de Che Guevara, Jon Lee Anderson (1997) diz que Che passou por um tempo adormecido na memória das pessoas. Mas ressurgiu e se tornou um símbolo, um mito para a humanidade.

Hoje em dia, Che é, mais uma vez, tão controvertido e tão reconhecido universalmente como o era nos dias em que se transformara num símbolo de revolta estudantil. Depois de cair no esquecimento nos anos 70 e 80, ele teve um ressurgimento popular nos anos 90, como símbolo imorredouro do desafio apaixonado contra um status quo arraigado” (ANDERSON, 1997. p. 863)

Che Guevara se tornou um mito para sociedade enquanto revolucionário, pois muitos baseavam seu modo de vida na do argentino. A partir de sua morte é que surgiram vários movimentos de caráter revolucionários, sempre buscando melhorias para o povo. Apesar de Che Guevara ter fracassado, sendo capturado e assassinado, ele se tornou um mito. Talvez essa morte, como diz o próprio Che, tenha sido bem-vinda.

Já o cientista político Jorge G. Castañeda faz a relação do encontro de um homem com sua própria época, visto que, os anos 60 ficaram marcados por vários movimentos estudantis. O autor enfatiza o desejo de Che Guevara em conquistar o mundo. Che Guevara “partiu sempre de um critério: bastava desejar alguma coisa para que ela acontecesse.” (CASTAÑEDA, 2006. p. 15).

Para o autor, essa vontade de vencer é que sustentava Che. Fosse passando fome, enfrentando sua doença asmática, subindo morros, ensinando o povo a ler. Enfim era tomado por uma vontade imensa de conquistar o mundo. O autor define que Che se tornou um mito após sua morte:

Mais do que a pressa ou a arrogância, o que distinguiu a juventude daqueles anos foi um misto de idealismo e sentimento de onipotência represado durante anos, sem encontrar vazão, até 1968. [...] Também, os objetos de desejo mudaram radicalmente: em vez de dinheiro, liberdade; em vez de poder, revolução; em vez do lucro, a batida do rock. Deter a violência e a guerra, distribuir a riqueza, pregar a liberação das paixões e do desejo, experimentar sensações fortes e inéditas aparentemente sem risco nem custo, eis os valores da geração que se espelhou no Che Guevara. (CASTAÑEDA, 2006. p. 507)

Che Guevara ficou marcado, segundo o autor, pelo desejo não só de conquistar o mundo, mas de conquistar um mundo melhor para o povo. Havia em Che uma enorme preocupação com o povo. Existe uma construção de um imaginário variado acerca de Che Guevara e de diferentes atribuições de sentido de sua vida. Um herói, um mito, um ícone para a esquerda, um assassino, quem foi Ernesto Che Guevara? O que elas têm em comum e o que pode ser uma explicação são suas relações com o presente.

Tal desejo de lutar e a posterior inserção de Che Guevara ao grupo de guerrilheiros nos permite salientar três possíveis elementos para pensar ou refletir sobre a imagem desse personagem. Primeiro o Che guerrilheiro, segundo o Che asmático e terceiro o Che médico. A tríplice imagem de Che Guevara apresentada está presente em praticamente todas as biografias ou obras que se referem ao revolucionário. Os autores como Castañeda (2006), Jon Lee Anderson (1997) e o próprio Che relatam essa afirmação em suas obras.

Em se tratando de um Che asmático, encontramos em diversos autores, que apesar de sua doença, Che continuava lutando e treinando com os “rebeldes”. “O Che participou dos exercícios físicos, de tática, de tiro e resistência junto com os demais, ao mesmo tempo em que desempenhava a função de chefe de pessoal” (CASTAÑEDA, 2006, p. 124).

Há uma imagem de um Che guerrilheiro bastante contestado. Considerado ora como herói ou ora como assassino. O que nos importa não é dizer qual Che está certo ou qual Che seguir, mas proporcionar ao aluno fontes que defendem essa multiplicidade de imagens para que ele tenha uma bagagem intelectual suficiente para entender como se deram essas construções multifacetadas, levando em consideração de quem parte tal construção e em qual período elas foram construídas.

Ernesto “Che” Guevara não era um santo, nem um super-homem, nem um chefe infalível: era um homem como os outros, com suas forças e fraquezas, sua lucidez e sua cegueira, seus erros e inabilidades. [...] Adversário irreconciliável do imperialismo – máquina de esmagar os povos – e do capitalismo – sistema intrinsecamente perverso –, Guevara era um revolucionário marxista (BESANCENOT, LÖWY, 2009, p. 7).

Como a citação diz, existem várias discussões acerca de quem foi Che Guevara. Contudo, não podemos deixar de ressaltar que ele foi um revolucionário importante para a história de Cuba. Não só como revolucionário, mas também como médico que cuidava dos ferimentos de sua equipe guerrilheira. Como o próprio ressaltou: “começou cedo o voo dos aviões e se decidiu partir quanto antes, deixando os feridos a meu encargo” (GUEVARA, 1980, p. 127).

Che Guevara não só ajudava os revolucionários, com seu papel de médico, como também atendia aos camponeses das fazendas por onde passava. Para Castañeda (2006), a chegada de um médico nessas regiões era um verdadeiro acontecimento (p. 135). Na maioria das vezes, os guerrilheiros eram bem recebidos, pois os camponeses também tinham o desejo de se libertar daquele governo opressor de Batista. Alimentavam-se e encontravam-se nesses sítios para discutir os planos de ataques do movimento. Nessas reuniões, a figura de Che se destacava. “O papel de Guevara permanecia indefinido. Ele já era mais que um médico, e seu relacionamento com Fidel o colocava em uma posição excepcional” (CASTAÑEDA, 2006, p. 135).

Enfim, Che Guevara é exaltado e criticado ao mesmo tempo. Possui uma vida marcante e ainda hoje é lembrado. O que não podemos esquecer é que entre os anos de 1955 – quando conheceu Fidel, até 1967 – ano de seu falecimento, Guevara participou de grandes movimentos revolucionários, em uma luta que se dizia em prol do povo mais pobre e oprimido.

2° CAPÍTULO

Che no cinema: Do argentino ao guerrilheiro.

No capítulo anterior, identificamos um ponto fundamental que incide diretamente nas possibilidades de se ensinar a respeito de Che Guevara e da Revolução Cubana em sala de aula: as multiplicidades de imagens do Che. Podemos aproveitar a multiplicidade de imagens em relação a Che Guevara, para levantar diversas questões com os alunos, analisando mais uma vez a diferença de representações dos grupos de direita e esquerda e a construção de imagens de um determinado período.

Além disso, podemos ainda discutir sobre as formas de se ensinar História nos dias atuais, visto que possuímos métodos ainda tradicionais em sala de aula, como por exemplo, o conteúdo da Revolução Cubana pelo viés dos grandes nomes/heróis. Utilizaremos o filme para mostrar o lado tradicional da História que exalta dois grandes nomes – Che Guevara (principalmente) e Fidel Castro. Utilizaremos as imagens para mostrar as diversas interpretações acerca de Che Guevara – positivas e negativas – permitindo assim, a construção de um personagem complexo levando os alunos a questionarem a forma como ele é representado para chegarmos a uma proposta de discutir novas formas de interpretar o contexto da Revolução Cubana, mostrando que essa História foi construída por todos, de caráter popular.

Os filmes a serem analisados intitulam-se: “*Che – O Argentino*” e “*Che – A Guerrilha*”, os quais poderão contribuir com a análise das diversas imagens de Che. O filme em sala de aula, como já discutido, poderá mudar o modo de se estudar história, trazendo informações que talvez possa contribuir com uma nova construção sobre Che Guevara.

2.1. O cinema e o ensino de História

Buscando diferentes recursos para se ensinar a História, nos deparamos com o filme como um recurso pedagógico de importante potencial explicativo. Para Marc Ferro (2010), o filme tem sido usado cada vez mais em sala de aula, porém, o

professor irá mediar um debate sobre o filme e o fato a ser estudado, visto que o filme não poderá falar por si e ele não terá a intenção de “reproduzir” o passado, estará carregado de marcas do seu tempo de produção. Utilizar o filme em sala de aula é mais uma forma de renovação didática no dia a dia das aulas do professor. O uso do filme em sala de aula seria uma forma didática que o professor possui para trabalhar novos temas, saindo do tradicionalismo e buscando deixar para os alunos uma nova forma de se pensar o passado.

Notamos que o cinema pode fazer parte da didática de um professor, pois o filme pode ser capaz de criar uma empatia entre o aluno e as figuras históricas representadas, podendo propiciar a construção de conhecimento sobre determinado assunto. Mas, mesmo que a expansão da utilização cinematográfica apresente muitas possibilidades, o filme ainda é pouco explorado em sala de aula. Percebemos que o recurso didático pode se tornar uma comodidade problemática, pois o professor pode utilizar da reprodução de filmes para suprir aulas não preparadas. Dessa maneira, o filme seria uma mera forma de preencher o tempo da aula. Outra problemática que pode ser encontrada é a separação das fontes escritas e cinematográficas, enquanto o filme e o livro, por exemplo, devem ser usados como complemento um do outro.

Apesar da enorme variedade de fontes e inovações tecnológicas, o professor ainda está sendo formado para analisar, exclusivamente, documentos escritos (MISKEL, 2011). Identificamos, nas salas de aula dos cursos de licenciatura, o método tradicional – quadro e giz – o que resulta na formação de docentes pouco capacitados para organizar aulas expositivas dialogadas. Porém, se assumirmos o compromisso de ensinar história de um modo diferente, temos que estar preparados para um ensino de qualidade.

A despeito da perspectiva que assumimos, temos de admitir que os filmes nos proporcionam um novo tipo de história, que talvez possamos chamar de história como visão. Seu predecessor mais antigo, a história oral, tende a criar a relação poética com o mundo. Depois, ao longo de um período de dois mil anos, a história escrita criou uma relação cada vez mais linear e científica. O filme muda as regras do jogo e cria seu próprio tipo de verdade, um passado em níveis múltiplos que tem tão pouco a ver com linguagem que é difícil descrevê-lo de forma adequada em palavras. Certamente, o mundo histórico criado pelos filmes é potencialmente muito mais complexo do que o texto escrito. Na tela, várias coisas acontecem ao mesmo tempo – imagem, som, linguagem, até texto –, elementos se respaldam e se contradizem criando um campo de significado

que difere da história escrita na mesma medida em que a história escrita diferiu da história oral. Essa diferença nos possibilita especular se a mídia visual representa uma grande mudança na consciência de como pensamos sobre o nosso passado. (ROSENSTONE, 2010, p. 233).

Mas, qual o intuito de se utilizar o filme em sala de aula? Marcos Napolitano diz: “Uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a ideia de que o filme “ilustra” e “motiva” alunos desinteressados e preguiçosos para o mundo da leitura” (NAPOLITANO, 2013, p. 15). Apesar de tal conceito ser bastante divulgado nos dias atuais, segundo Napolitano, não é o que ele aceita. Para o autor, há um descompromisso com a educação que vai além da relação de professor e aluno. Antes de se chegar a esses personagens, há um descaso e uma “desvalorização da instituição escolar por parte do Estado e do conhecimento escolar por parte da sociedade” (p. 15). Napolitano diz que “o uso do cinema dentro da sala de aula não irá resolver a crise do ensino escolar, nem tampouco substituir o desinteresse pela palavra escrita” (NAPOLITANO, 2013, p. 15). Percebemos o descompromisso de um jovem em relação ao ensino, mas também há a irresponsabilidade por parte dos adultos familiares, que atualmente não tem acompanhado de perto a educação recebida por seus filhos. Lutar pelo ensino de qualidade não é importante apenas para o desenvolvimento do país, mas também para diminuir ou até extinguir a desigualdade social que se destacam nos jornais, nas mídias, entre outros, principalmente no quesito de violência.

Ao trabalhar com o filme em sala de aula, o professor deve atentar a vários quesitos considerados importantes: um deles é analisar a recepção dos alunos quanto ao filme. A partir da exposição cinematográfica, podemos abrir um debate em sala de aula para observar o que o aluno apreendeu do filme e assim fazer uma relação entre o fato histórico em destaque com a produção fílmica. Outro problema encontrado é a verificação da fidedignidade do filme.

Não buscamos “verdades” na história, porém como o filme tem a liberdade de criar sua própria realidade e, portanto, se trata de uma obra ficcional, cabe ao professor fazer uma análise se esse filme diz respeito ao assunto trabalhado e pode acrescentar algo a mais no processo de aprendizagem. É preciso destacar que a produção cinematográfica, mesmo de um filme que pretende ser “baseado em fatos

reais”, não se submete às mesmas normas e rigores de um escrito historiográfico. O filme atende a demandas bem específicas do período de produção. “Geralmente, o filme histórico revela muito mais sobre a sociedade contemporânea que o produziu do que sobre o passado nele encenado e representado” (NAPOLITANO, 2013, p. 38). Cabe ao professor fazer uma discussão antes e depois da apresentação do filme aos alunos, mostrando a intenção das encenações.

[...] Há um limite para a interpretação, que deve estar coerente com a mentalidade, os valores e as visões de mundo da época estudada. O cinema não tem esse compromisso, pois se destina ao público contemporâneo ao momento de sua produção. O professor deve saber lidar com essa questão e não cobrar “verdade histórica” nos filmes, porém, não deve deixar de problematizar eventuais distorções na representação fílmica do período ou da sociedade em questão. (NAPOLITANO, 2013, p. 39).

Neste trabalho, o filme e as biografias possuem visões muito próximas sobre a figura de Che Guevara. Importante destacar que Steven Soderbergh resgata a imagem de um Che herói abnegado. Sabemos que os alunos chegam à sala de aula com alguma bagagem de conhecimentos vindos de fora da escola. Com isso, notamos a importância das fontes midiáticas, pois são elas os principais facilitadores no reforço a determinado tema trabalhado em sala de aula por transmitirem tais conhecimentos. Cabe ao docente analisar essas fontes, pois elas acabam por formar um tipo de imaginário coletivo²². O conhecimento extraescolar dos alunos, nos mostra que cada sujeito faz e conhece a história, devemos levar em consideração esse conhecimento do aluno, visto que, em meio à sociedade estamos sempre aprendendo e absorvendo conhecimento sejam eles considerados importantes ou não para nosso aprendizado.

A experiência do tempo, vivida, exprime a noção de que cada agente racional humano faz História. De fato, todo agente faz História e é por ela feito. Como ninguém do gênero humano nasce em um mundo sem História, cada agente se defronta com a realidade empírica, concreta, do que foi feito e legado por outros. Essa realidade está marcada pelo ritmo do tempo: passado, presente e futuro. Todo movimento desse ritmo é sempre, de certa forma, esses três momentos simultaneamente – todo futuro é o presente subsequente a um passado e todo passado é o presente anterior a um futuro. A espiral do tempo histórico resulta de um processo de interação individual e social dos homens e

²² Construção de imagens construídas ao longo do tempo, na qual um grupo de pessoas possuem conceitos em comum sobre determinado assunto. Tomamos como base o texto “Imaginação Social” de Bronislaw Baczko (1985).

por certo também o produz. Tal interação tem um efeito prático notável: ela educa – ou seja, ela conduz o agente a tomar consciência de seu mundo e de sua cultura, e a assenhorear-se de ambos, de forma que o resultado seja conhecido e consciente como História. (MARTINS, 2014, p. 41)

Existe uma enorme dificuldade dos alunos, principalmente fora da sala de aula, em relacionar os três períodos mencionados – passado, presente e futuro. Fazemos aqui uma opção teórico-metodológica, para dizer que os períodos da história devem ser apresentados de forma unida, porém alguns chegam a tratar de tais períodos de forma separada, como se o passado fosse algo desconhecido e longe de sua realidade:

Lo cierto es que a los alumnos se les dificulta relacionar el tiempo en sus tres dimensiones: pasado, presente y futuro, y para formular explicaciones sobre los sucesos y procesos históricos. En consecuencia, es común que vean el pasado como algo desligado del presente, y por tanto les resulta irrelevante. Estas percepciones limitan el desarrollo de la conciencia social, la identidad y los valores culturales. Por ello, la clase de Historia debe convertirse en un espacio donde los contenidos lleven a los alumnos a reflexionar sobre su realidad y sobre sociedades distintas a la suya. (MUÑIZ, 2014, p. 121).

O ser humano é um ser social e constrói histórias mediante suas relações e entender seu tempo, o presente e o passado, possibilita uma visão mais crítica e atuante sobre seu mundo, que objetiva a construção de um futuro, isso nos mostra o quanto é importante conhecer a história. E assim, o filme nos dá essa capacidade de conhecer, em parte, de forma diferente o que ocorreu no passado. Porém devemos esperar de um professor capaz e comprometido com a educação esse trabalho com fontes cinematográficas, transformando a escola em uma instituição que participa da construção da História e não apenas uma escola que reproduz os fatos. Estamos participando ativamente da construção de uma consciência histórica dos alunos. Sobre esse assunto Estevão Martins diz:

A formação da consciência histórica e a elaboração do respectivo conhecimento histórico se realizam em um modo contínuo, por intermédio de um duplo processo: o de ser resultado da História empiricamente efetivada pelo agir humano no passado e o de produzir a História, no presente, desde a perspectiva de um futuro possível esperado. Como qualquer conhecimento racional humano, também o histórico depende de um feixe de fatores (pode-se dizer igualmente: circunstâncias) em cujo entrecruzamento situa-se o agente, indivíduo subjetivamente consciente e ativo. (MARTINS, 2014, p. 43).

Observa-se que o cinema se encontra como um aliado no novo processo de se fazer História: a educação histórica. As fontes midiáticas atuam de forma diferente, possibilitando um alcance maior na aprendizagem do aluno. Porém, devemos nos atentar para o fato de o cinema nem sempre ter sido aceito como fonte, bem como ainda nos dias atuais, há quem critique tal maneira de se trabalhar fatos históricos.

Os filmes propostos se encaixam no gênero biografia, sendo chamados de cinebiografia. Nota-se: “Hoje, décadas depois de os teóricos da literatura terem voltado seus olhos críticos para o gênero, pouco ficou definido a respeito da biografia. Em última instância, esse parece ser um gênero fugidio, talvez até indefinível”. (ROSENSTONE, 2010, p. 137). Sobre a cinebiografia, o autor diz:

As narrativas de vida apresentadas em palavras têm uma longa história e uma longa tradição. Para começarmos a entender a cinebiografia – o seu formato e estrutura, a maneira como os dados são tratados, a maneira como é criado o mundo no qual o biografado pensa, sente e age – precisamos tentar ver o gênero inserido no âmbito dos problemas mais amplos da biografia. Fazer uma biografia significa argumentar que os indivíduos estão no centro do processo histórico – ou que vale a pena estudá-los como modelos de vida, ações e sistemas individuais de valores que admiramos ou que nos desagradam. Mas a maneira como uma biografia é feita é uma questão em debate desde que a narrativa de vidas se tornou uma empreitada literária – há mais de dois milênios no Ocidente. (ROSENSTONE, 2010, p. 136)

Sendo assim, notamos a dificuldade em definir o que seria uma biografia, bem como a não aceitação por parte de alguns autores. François Dosse (2009) em seu livro *Desafio Biográfico* relata as diferentes concepções em relação à biografia no decorrer do tempo. Atualmente encontramos com frequência estudos que utilizam a biografia, trazendo assim uma nova forma de “ver” tal conceito. Essa não aceitação de antes deve-se ao fato de definirem a biografia como uma seleção de fatos, dependendo de quem está escrevendo, destaca fatos favoráveis ou não à uma pessoa. Para Robert Rosenstone uma biografia escrita e uma cinebiografia possuem algumas semelhanças.

O projeto geral de contar uma vida é semelhante em ambas as mídias. Tanto o biógrafo quanto o cineasta se apropriam de alguns detalhes remanescentes de uma vida e os tramam para formar um enredo que infunde significado nos dias do biografado. (ROSENSTONE, 2010, p. 139)

Nos filmes notamos uma biografia em favor de Che Guevara, destacando suas principais qualidades e sua luta em prol de um povo. Várias cinebiografias foram criadas desde a década de 1920 aproximadamente. O gênero “biografia” pode ser subdividido em três categorias, segundo Rosenstone, amplas e arbitrárias:

O biopic da era dos grandes estúdios de Hollywood; as cinebiografias “sérias” que há muito tempo são realizadas na Europa e em outras partes do mundo e que, mais recentemente, chegaram a Hollywood; e a biografia inovadora ou experimental, que apresenta uma vida como um drama fragmentado ou acronológico, e não como um enredo linear tradicional. (ROSENSTONE, 2010, p. 140).

Utilizaremos a cinebiografia como uma narração das várias fases de vida de um personagem considerado importante que é Che Guevara. Porém, podemos dizer que o filme a ser trabalhado, se encaixa na terceira característica proposta por Rosenstone, onde temos um filme que busca a caracterização heroica de Che Guevara e não possui uma linearidade conforme cita o autor. Então, tomamos o filme e as biografias sobre Che Guevara como estudos importantes para o desenvolvimento de nosso trabalho.

2.2. *Che o Argentino e Che a Guerrilha*

Os filmes tiveram sua estreia mundial no ano de 2008. Está classificado como biografia, drama e guerra. O filme foi produzido com capital da Espanha, França e dos Estados Unidos. Seus roteiristas são Benjamin A. Van Der Veen e Peter Buchman.

Os filmes mencionados tiveram como intuito retratar a vida de Che Guevara. Dividido em duas partes devido sua extensão temporal. A primeira parte denominada *Che – O Argentino* tem como foco a Revolução Cubana, os embates travados por Che Guevara e a tomada do poder de Fulgêncio Batista. Já a segunda parte, chamada de *Che – A Guerrilha* retrata a ida de Ernesto Guevara para Bolívia, as dificuldades por ele passadas, bem como sua captura e seu assassinato.

Benício Del Toro foi o ator que interpretou Che Guevara no filme e desenvolveu uma forma física fantástica para representar o revolucionário. O primeiro filme não traz uma ordem cronológica e passa de um evento a outro sem se preocupar

com o tempo linear e cronológico.

Steven Soderbergh se preocupou muito em filmar toda a guerrilha, fazendo uma construção sobre a personagem Che Guevara, ressaltando desde sua chegada ao México, se encontrando com Fidel e Raúl Castro, até sua captura e assassinato na Bolívia em 1967. O filme conta ainda, com algumas passagens que foram retiradas dos diários do próprio Che Guevara.

O filme possui cenas interessantes e de prender a atenção do telespectador, como, por exemplo, as representações dos combates nas guerrilhas. Traz, muito bem encenado, encenações do problema que Che passara por sofrer de Asma e como ele ajudou os rebeldes por ser médico. Conta ainda com um grupo bem formado e com o mesmo pensamento, onde nenhum pode deixar um companheiro para trás. Todos – de certa forma – estão juntos. Podemos notar no filme uma representação do diretor sobre quais os motivos que levaram o grupo dos rebeldes a lutarem pela libertação do país, ao mesmo tempo em que, tendo em vista as biografias, vislumbramos elementos que podem evocar o caráter humano de Che: o problema da asma e sua ação como médico.

O filme se encaixa no gênero de cinebiografia, conforme já discutido, porém, segundo Érico Borgo (2008), Steven Soderbergh se diferenciou nessa produção.

É uma cinebiografia, sim, mas uma que não faz as infames concessões mercadológicas que costumam arruinar produções do gênero. Não vemos “os amores de Guevara”. Não temos um momento sequer em poses consagradas, como as famosas imagens registradas pelas lentes de **Alberto Korda**. Não são amenizados os crimes cometidos em nome da liberdade. Não há hiperdramatização. O Che de Soderbergh e do protagonista **Benício Del Toro** não é uma ideia, mas um homem movido por uma. (BORGO, 2008, s.p. Grifos do autor).

Che – O Argentino inicia no ano de 1964 com o discurso pronunciado por Che Guevara – representante de Cuba – diante da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. Che ainda concede uma entrevista para uma jornalista, na qual conversam sobre a Revolução Cubana. A partir do momento em que começa a entrevista o filme retorna ao ano de 1952 para mostrar o golpe de Estado dado por Fulgêncio Batista instaurando uma ditadura em Cuba. A população não se contenta com a forma com que o governo comanda o país. Fidel Castro organiza um levante,

mas fracassa e se refugia no México.

Che Guevara e Fidel Castro então se encontram em 1955 pela primeira vez no México e realizam uma reunião, tendo em pauta a situação de Cuba e o interesse de ambos em ajudar o país, e automaticamente ajudar a população a se libertar do regime que os oprime.

Em 1956, com menos de cem homens a bordo, eles partem para Cuba. De início se instalam em uma região serrana para fazer alguns treinamentos. Che Guevara e Fidel Castro passariam a ter os mesmos objetivos. Dando início aos primeiros passos dos guerrilheiros em prol da libertação de Cuba de um governo ditador.

Esse grupo de guerrilheiros era chamado de “rebeldes” e se instalam em terrenos montanhosos onde se encontram alguns moradores camponeses por ali. Ernesto Guevara sofria de asma e com isso encontrava algumas dificuldades em se deslocar nesse terreno cheio de serras. A insatisfação dos camponeses com o atual regime devido à coleta de impostos e torturas, os levaram a receber os revolucionários muito bem e até se candidatavam a ajudar no que fosse necessário.

Ernesto Guevara viveu diferentes situações em convivência direta com diversas pessoas e se empenhava cada vez mais para a revolução, por estar vendo as reais situações do povo cubano e a vida sofrida que levavam. Após várias conquistas feitas pelos guerrilheiros, eles rumaram à Havana, finalizando com qualquer resistência existente do governo de Fulgêncio que tentasse se opor a eles. Sempre levando em consideração o respeito pelo povo de Cuba. Em síntese:

A primeira metade do longa, que será lançado em duas partes pela inviabilidade da duração proposta, cobre, com um belo formato *Scope* digital e quase sem trilha sonora, os anos da revolução cubana. Batizado **Che** (*The Argentine*), o filme tem estrutura não-linear, saltando entre a turnê de Guevara por Nova York em 1964 e seu famoso discurso na ONU (gravados em preto e branco granulado), a viagem do barco Granma (que levou 82 revolucionários à ilha caribenha) e as batalhas para derrubar o regime de **Fulgencio Batista**. (BORGO, 2008, s.p)

Já a segunda parte do filme, denominada de *Che – A Guerrilha* “[...] faz uma breve recapitulação dos seis anos que se passaram desde o primeiro segmento e começa com Che chegando a Bolívia” (BORGO, 2008, s.p), sua estadia no país e a posterior captura de Guevara e seu assassinato na Bolívia no ano de 1967. Após o

sucesso da Revolução Cubana, Che vive o ápice de sua fama e de seu poder. Com isso ele decide levar a revolução para o mundo afora. Passa um tempo desaparecido e ressurgue – fisicamente diferente – na Bolívia. A partir de então, Che organiza um grupo de poucos homens cubanos e bolivianos para dar início à revolução latino-americana.

Essa parte do filme está organizada com a quantidade de dias que Che Guevara ficou no país. Para não ser pego, Che ainda se disfarçou de vendedor de cocaína. Passou por momentos difíceis, teve fome e dificuldades respiratórias. Segundo o filme, Che buscava o melhor para o povo, se sacrificou e guerrilhou enquanto conseguiu, porém, dessa vez, viu sua estratégia fracassar. Estava muito doente, foi ferido e capturado. No dia 9 de outubro de 1967 foi assassinado.

No geral os dois filmes foram produzidos de uma maneira satisfatória, conseguindo, por meio de suas cenas, prender a atenção do telespectador, apresentando um Che – homem e não somente o mito ou o assassino generalizado conforme estamos acostumados a ver.

Apesar de contarem uma grande história, os dois filmes têm tons distintos. Enquanto o primeiro parece mais otimista e acelerado, o segundo – linear e alternando saturações de cores – é mais sombrio e contemplativo, retratando a sequência de derrotas físicas e morais de Che e seus comandados na América do Sul. [...] Tecnicamente, o filme é perfeito. O digital em alta definição funciona perfeitamente bem. Mais que isso, o filme é lindo. Soderbergh superou-se não apenas como diretor, mas também como fotógrafo. E o roteiro de **Peter Buchman**²³ e **Benjamin A. Van der Veen**, inspirado nos diários do próprio Guevara, tem momentos de pura genialidade, como o final do primeiro ato, às portas da capital cubana. Capitanado pelo inspiradíssimo **Del Toro**, o elenco eclético conta com **Catalina Sandino Moreno**, **Demián Bichir**, **Rodrigo Santoro**, **Julia Ormond**, **Lou Diamond Phillips**, **Franka Potente** e **Benjamin Bratt**, entre dezenas de outros. Não há pontos fracos. Simples e honesto, Che resulta em um trabalho quase documental, contando como viveu e morreu o ícone. Se Guevara foi mesmo o “Guerrilheiro Poeta” romantizado ou um assassino que ajudou a substituir um regime por outro, cabe a cada espectador decidir. (BORGGO, 2008, s.p).

O espectador decidirá qual Che seguir, mas podemos dizer que, a partir de sua morte, Che se tornou um ícone para a esquerda e para os movimentos que se dizem revolucionário. Passou então, como vimos, a ser conhecido pelo mundo todo, tendo ainda hoje diversas imagens de seu rosto espalhados em tatuagens, camisetas e desenhos animados. Ambos os filmes tiveram sua construção baseada em diários e

²³ Grifos do autor.

cartas escritas pelo próprio Che Guevara. Steven Soderbergh optou por fazer um filme em espanhol e não em inglês. Isso afetou, em parte, no financiamento do filme, visto que os investidores norte-americanos se recusaram bancar a produção.

A produção do filme levou sete anos para realizá-lo, pesquisando e filmando. Como o filme seria de suma importância, a pesquisa da imagem seria levada a sério em relação à figura de Che Guevara, a produção acabou por ser financiada por franceses e espanhóis, contando ainda com recursos de outros filmes de Steven Soderbergh. Após sua exibição, o filme recebeu várias críticas, sendo a maioria delas positivas. Foi bem recepcionado. Benício Del Toro ganhou o prêmio de melhor ator.

Entre algumas leituras críticas feitas sobre os filmes e algumas mencionadas, podemos destacar que a maior parte são críticas positivas, onde ressaltam a “genialidade” de Soderbergh e a não pretensão de construir uma nova figura para Ernesto Guevara, ou seja, não há a pretensão de focar somente o Che como “herói” da Revolução Cubana. Mas, encontramos também algumas críticas que apontam supostas falhas nos filmes, como por exemplo, em *Che – A Guerrilha*, “[...] negligenciam alguns acontecimentos anteriores à criação do Movimento Revolucionário Boliviano, que poderiam ajudar a explicar as várias decisões radicais que Che Guevara tomou” (PINTO, 2009, s.p), além disso as cenas poderiam oferecer informações em relação à nova Revolução, pois “[...] o filme abre com Che Guevara na Bolívia, sem oferecer ao público uma contextualização dos acontecimentos anteriores ou uma referência à sua importante e histórica passagem por Moscovo e África” (PINTO, 2009, s.p).

Encontramos em um texto de Luiz Bernardo Pericás (2014) algumas críticas sobre o filme de Soderbergh. Segundo o autor alguns personagens mereceriam maiores destaques, como por exemplo, Rodrigo Santoro que interpretou Raúl Castro, “[...] ele troca poucas palavras e apertos de mão com outros combatentes, não indo muito além disso, ou seja, não é capaz de mostrar, em sua aparição relâmpago, a complexidade de uma das mais importantes figuras da revolução” (PERICÁS, 2014, s.p). Mas, não só Rodrigo Santoro merecia tal destaque, segundo o autor outros personagens deveria ter sua história contada com mais informações.

O mesmo vale dizer para Dêmian Bichir, que interpreta um Fidel Castro com alguns maneirismos similares, mas que fica por aí. Cabe destacar a forma como

foram apresentados o comandante Camilo Cienfuegos e o chefe do “pelotão suicida”, o capitão Roberto Rodríguez Fernández (Vaquerito), ainda que estes também não tenham recebido o tratamento devido, em momentos sendo retratados quase como caricaturas. Em suma, homens como Fidel, Camilo e Raúl Castro, assim como aqueles não tão conhecidos fora de Cuba, como Juan Almeida, Víctor Bordón e Ramiro Valdés, por certo, mereciam maior exposição. (PERICÁS, 2014, s.p).

Poderíamos dizer que essa falta de detalhes para parte dos personagens do filme, faz menção a uma tentativa de destacar o papel do protagonista Che Guevara, ressaltando sua importância no processo da Revolução Cubana. Para o autor Luiz Bernardo Pericás o filme deveria ser melhor explorado quanto ao contexto histórico. Porém, isso seria necessário apenas a quem conhece a história da Revolução Cubana e de grandes nomes que fizeram parte dela. Ao ensino, talvez, tantos detalhes, não seriam necessários, pois o professor seria o intermediador e completaria as lacunas que fossem pertinentes.

Quanto à estrutura física do filme, o autor Luiz Bernardo Pericás (2014), também faz algumas críticas, que mais uma vez, seria dispensável a um filme a ser utilizado como recurso didático. Aos que buscam nos filmes fatos ocorridos no passado, aos historiadores e aos conhecedores da história a ser representada, todas as críticas até aqui apresentadas, poderiam trazer melhorias ao filme, o completando e o tornando mais interessante, utilizando talvez “[...] mais flashbacks e imagens reais, de época entre as cenas dramatizadas, ficcionalizadas, quem sabe, dessem maior profundidade e sofisticação ao filme [...]” (PERICÁS, 2014, s.p).

O autor menciona o fato de o filme contar com uma não linearidade, podendo assim, provocar um desinteresse por parte do espectador, ou até mesmo um não entendimento sobre o que o filme desejava contar. Assim como João Pinto (2009), Pericás menciona a falta de elementos que complementaria o filme e ajudaria em uma contextualização mais concreta.

O filme é também entremeado por trechos em preto e branco de Guevara em Nova Iorque, seja se entrevistando com a jornalista Laura Bernquist ou em seu discurso na sede das Nações Unidas. Para quem conhece bem sua história, aquelas imagens fazem sentido, ao evocar a atuação do Che encabeçando a delegação cubana na ONU em 1964. Mas para os que não estão familiarizados com a vida do guerrilheiro de origem argentina, as cenas não ajudam. Na verdade, confundem. Afinal, ninguém explica para o espectador desavisado qual foi o papel do comandante no governo de Cuba após o triunfo da revolução

a partir de 1º de janeiro de 1959, sua atuação como chefe do Departamento de Industrialização do INRA, como presidente do Banco Nacional e como ministro das Indústrias. Assim, o Che num momento está lutando na Sierra Maestra e em outro, discursando na Assembleia Geral. Mas o que aconteceu entre um evento e outro, fica de fora. Não era a intenção de Soderbergh narrar os primeiros anos do governo revolucionário, certamente, mas sim, focar exclusivamente o período da luta guerrilheira. De qualquer forma, faltaria apresentar mais elementos políticos para o espectador. (PERICÁS, 2014, s.p).

Voltamos a dizer que tal crítica feita pelo autor, não atrapalhará a utilização de ambos os filmes em sala de aula, pois o professor mediará à discussão com os alunos, apresentando de fato o contexto de toda a Revolução Cubana, como também a história de seus grandes componentes. Mas, tais informações traria um filme mais completo no quesito de contextos históricos e uma familiarização melhor com Che Guevara por parte do espectador.

Luiz Bernardo Pericás (2014) faz menção ao “[...] fato de o filme ser falado em espanhol e de ter em seu elenco uma grande diversidade de atores latino-americanos, por outro lado, é um mérito que merece ser destacado” (PERICÁS, 2014, s.p) e considera esse ponto de grande importância para o trabalho de Soderbergh.

O autor, semelhante a outros autores, relata ainda, a forma com que Soderbergh reproduz uma imagem de Ernesto Guevara, mais voltada para a linha da esquerda, representando uma visão mais positiva de Ernesto, uma imagem “[...] sem os ranços preconceituosos anticomunistas da indústria cinematográfica hollywoodiana. Tenta na medida do possível, ser fiel ao personagem e à sua história, sem criar momentos artificiosos ou espetaculares” (PERICÁS, 2014, s.p).

Feita essa análise de ambos os filmes e retornando às discussões realizadas no capítulo anterior sobre a diversidade de imagens existentes em relação a Ernesto Che Guevara, cabe aqui fazer a seguinte pergunta: qual Che o filme busca reproduzir?

O filme traz a figura de Ernesto Che Guevara enquanto um homem e não só o mito, ou seja, foi uma reprodução a partir dos escritos do próprio Che, deixando de ser tão carregados de apropriações “heroica” ou “assassina”. O filme, por assim dizer, representa o Che em suas várias faces: líder, revolucionário, humano, assassino, guerrilheiro, etc.

Na primeira parte o foco se divide, principalmente, entre o Che, Fidel e Raúl e encontramos um Che ainda imaturo, aprendiz, no qual Fidel Castro ainda não possuía

uma plena confiança. Mas, ao mesmo tempo, encontramos um Che disposto se mostrando capaz de liderar um grupo e de ser um membro importante para o Movimento 26 de julho.

Já a segunda parte do filme o foco é todo em Che Guevara, um líder, um revolucionário, um guerrilheiro buscando uma nova Revolução, agora na Bolívia, fazendo treinamentos e tentando conquistar o apoio popular.

A primeira parte do filme *Che – O Argentino* se inicia com alguns símbolos que caracteriza Che Guevara, mostrando o coturno que ele usava, sua roupa de guerrilheiro e logo em seguida, seu marco principal, o charuto. Essa questão dos símbolos é enfatizada no início do filme, visto que fazemos apropriações da imagem de uma pessoa através de marcos e o de Che Guevara, foi essa imagem de comandante guerrilheiro que gostava de fumar charutos. Após um momento, o filme encena o primeiro encontro entre Che Guevara e Fidel Castro e promove o seguinte diálogo:

Che – Você tem um barco?

Fidel – (acena com a cabeça) não.

Che – Dinheiro?

Fidel – hum ainda não.

Che – combatentes?

Fidel – conseguimos passar trinta para o México, mas teremos mais. Acha que estou louco?

Che – um pouco.

Fidel – muito bem! Um pouco de loucura é bom. (Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 4':55")²⁴

Em forma de narração, já dentro de um barco, Che diz:

Fidel tinha uma fé extraordinária que quando fosse para Cuba, lá chegaria e assim que chegasse combateria e combatendo venceria. Assim, em novembro de 56 saímos do México em um barco que cruzava as águas com 82 homens a bordo. Daqueles 82 homens somente 12 verão o dia da vitória. (Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 4':57")

No início do filme, Che é apresentado lutando contra sua doença asmática, caminhando em uma floresta. Nessa cena, Che está em Cuba em março de 1957 a 637km de Havana. O filme segue com o grupo de guerrilheiros andando pelas serras em busca de camponeses para se juntar ao movimento. Por volta dos 19 minutos de

²⁴ O filme *Che – O Argentino* está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=brTSg5xBNml>> Acessado em julho de 2016.

filme, temos uma das faces de Che sendo apresentada – a de médico. As cenas se estendem por alguns minutos, mostrando o cuidado com que Che tem com seus guerrilheiros e também com os camponeses.

Em seguida, é apresentado ao público um Che humano, aprendendo com os feridos, sendo um guerrilheiro, e quando lhe é perguntado sobre o papel do revolucionário, ele diz:

Che – O verdadeiro revolucionário vai onde é preciso, ele não vai só apenas em combate, às vezes é preciso aceitar outras tarefas como procurar alimento, fazer curativos, carregar companheiros por quilômetros, enfim cuidar deles até que possam se cuidar, é disso que se trata.
(Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 20':50")

A fala de Che nos permite possuir uma visão de um homem preocupado, não só com a vitória, mas com o povo que lutava em prol da guerrilha. Entretanto, no decorrer do filme, Che Guevara se mostra algumas vezes um tanto arrogante. Como por exemplo, em relação à guarda da noite, em que dois homens questionam que não houve o revezamento. Che segue para falar com o responsável pela guarda da noite, e o encontra dormindo.

Che – Acorda Joel. Não foi você que organizou a guarda da noite Che?
Joel – Sim senhor. Por que?
Che – E por que o Mário e o Carlos ficaram de guarda por quatro horas? Ninguém os rendeu.
Joel – Ah esses caras são uns imbecis.
Che – Não. O único imbecil aqui é você (em tom arrogante).
Joel – Eu? Por que? Eles deviam saber onde é que os substitutos dormem, a culpa não é minha.
Che – Onde é que você tava com a cabeça Joel? Isso é sua responsabilidade (em tom alto). Não foi você que organizou a guarda? Então você devia ter organizado a troca.
Joel – sim senhor.
Che – que droga! Vai ficar quatro horas de guarda essa noite e eu to de olho em você viu.
(Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 32':14")

Há alegações que é necessário ter um tom superior para que se possa controlar todos os guerrilheiros. Nesse momento, Che Guevara recebe a notícia de que dois homens de sua tropa – Estevan e Cuervo – haviam fugido. Mais tarde Che descobre que esses homens haviam se passado por pessoas de ponta de Fidel Castro

para “aproveitar” dos camponeses. E como Che já havia avisado, os guerrilheiros do movimento 26 de julho deveriam respeitar os camponeses, tinham várias regras a serem seguidas.

Ciro – não podemos deixar um companheiro ferido no campo de batalha, entendido? Se algum de vocês deixar arma por aí depois de um combate ou em qualquer outro lugar, vai ter que ir buscar sozinho. Se alguém dormir durante a guarda, ficará sem comer por três dias. Fui claro?

Che – obrigado Ciro. Agora quero dizer só mais uma coisa e eu quero que entendam muito bem. Todos nós respeitamos os camponeses e ninguém pode tocar em suas plantações, e ninguém está autorizado a mexer com eles e nem com a família deles. Se alguém fizer isso, a justiça revolucionária cairá sobre ele. É isso.

(Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 45’:00”)

Sobre esse aviso, as pessoas que entravam para o movimento tinham que seguir as regras e ser fiel. Para Che a base de um revolucionário é o amor e o respeito. Ele diz que pode parecer ridículo, mas “o verdadeiro revolucionário é guiado por sentimentos de amor. Amor pela humanidade, amor pela justiça, pela verdade. É impossível pensar num autêntico revolucionário sem essa qualidade” (Che – O Argentino. Filme 1. Direção de Steven Soderbergh – 2008. 47’:26”)

Apesar de mostrar um lado humano, amoroso e preocupado com a sociedade, Che ainda possui uma postura um tanto arrogante e seca por assim dizer. Com isso, o filme mostra também um lado criticado de Che Guevara, o de assassino de seu próprio povo, porém ele devia fazer valer as regras senão cairia em descrédito. Camilo Cienfuegos captura Estevan e Cuervo que haviam fugido.

Che – não só desertou com sua arma e aterrorizou a região, roubando os humildes em nome da revolução, mas também por sua traição camponeses foram torturados e mortos pelo exército de Batista. Por que Estevan? A pena pela traição é a morte (fala voltado a Estevan). Você abusou da autoridade de mensageiro do exército rebelde e se fazendo passar pelo comandante Almeida. Estuprou, estuprou a filha de Juan Carlos Esteves, uma adolescente isso também merece a pena de morte (fala voltado a Cuervo).

(Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 51’:21”)

Os dois foram “justiçados” pelos rebeldes. O filme segue, e mais uma vez o lado humano de Che Guevara volta a ser destacado quando há a preocupação dele em ensinar seu povo a ler e a escrever, pois estariam ali com a missão para além de

guerrilhar. “Che – Nós não estamos aqui na montanha apenas para atirar. Um povo que não sabe ler e nem escrever é um povo fácil de ser enganado”. (Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 57’:03”). As cenas agora estão voltadas para o fracasso da Greve Geral, em relação ao assunto, Che diz, “bom depois do fracasso da greve de 9 de abril, não restava dúvida o movimento 26 de julho era o único que podia vencer Batista. É isso que um líder faz, faz um povo compartilhar de suas ideias” (Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 1:13’:45”). Fidel Castro passa a ser o comandante supremo da rebelião, comandante de todas as forças armadas. E assim inicia os ataques e a tomada de Las Villas, Santa Clara e Santiago de Cuba. Em forma de narração Che explica todo o processo.

Che – o ataque ao quartel moncada, a saída de Granma, a continuação da luta com os homens que restavam, a defesa contra a última investida da ditadura em Sierra Maestra, a invasão de Las Villas, a tomada das principais cidades, se analisarmos cada uma dessas coisas, chegamos a conclusão de que havia um louco no meio. (o filme retorna em suas cenas iniciais, no primeiro diálogo entre Che e Fidel).

Fidel – e então, você vem conosco?

Che – eu vou com uma condição.

Fidel – qual?

Che – quando vencermos em Cuba deixa eu levar a revolução para toda a América.

Fidel – Você também está um pouco louco.

(Che – O Argentino. Filme 1. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 2:00’:01”)

A primeira parte do filme vai chegando ao fim, com os guerrilheiros rumo a Havana. Nesse último diálogo encontramos o Che conhecido e as apropriações que são feitas a ele aqui no Brasil. Um Che que desejava: espalhar a revolução por toda a América; que não pensava em só triunfar para o seu próprio bem, mas para ajudar a população a ser livre; implantar o socialismo para que a desigualdade social deixasse de existir. No geral, encontramos pelas cenas do primeiro filme de Soderbergh um Che herói, um homem de fibra que lutaria até o fim para conquistar todos os seus ideais.

A segunda parte do filme intitulada “*Che – A Guerrilha*” apresenta a figura do personagem, já em Bolívia, de forma mais séria e preocupada, iniciando com a leitura – feita por Fidel Castro – de uma carta escrita por Che. O filme encena as dificuldades encontradas por Che Guevara, pois a população não aceita entrar para a guerrilha, além disso, Che recebe a notícia de que o Partido Comunista da Bolívia não iria apoiar

o movimento.

Mário Monje – não há condições para o tipo de luta que você está propondo. Che – olha Mário, em qualquer lugar do mundo onde o homem é explorado por outro homem, as condições existem. Quando você começa a ver crianças trabalhando em minas, quando 50% dos mineiros não chegam nem até os 30 anos de idade e quando esses mineiros começam a entrar em greve pra melhorar os seus míseros salários, são massacrados pelo exército, ou criam condições ou não há condições. Quando a mortalidade infantil e materna também é uma das maiores da América Latina, por falta de hospitais e assistência médica, pra mim há condições. Se aprendemos alguma coisa em Cuba é que um levante popular sem o apoio de luta armada, não tem chance nenhuma de chegar ao poder.
(Che – A Guerrilha. Filme 2. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 20':00")²⁵.

Mário Monge²⁶ de fato não aceita apoiar o movimento de Che Guevara e ainda convence alguns bolivianos treinados em Cuba a não se unirem a eles (Che – A Guerrilha. Filme 2. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 41':00"). Além da dificuldade de recrutar pessoas para a guerrilha, Che possui um grupo ainda imaturo que brigam entre si, reclamam demais e só pensam em ter armas e combater, achando não necessário o trabalho de treinamento feito em grupos. Aos 45 minutos de filme, ocorre a primeira troca de tiros, a tropa de Che consegue render o exército, porém ninguém aceita ficar para se aliar ao movimento de Che.

Quanto à imagem de Che Guevara, a segunda parte do filme, assim como a primeira, mostra diferentes versões à sua figura. Há cenas de um médico, tanto dos guerrilheiros, quanto do povo. Porém há também cenas de um ser cruel, como por exemplo, às 1:16':04" Che estava montado em um cavalo branco, em meio a uma crise asmática, o cavalo para de andar, mesmo o puxando ele continua parado, Che então pega uma faca e mata o cavalo. Um pouco antes a essa cena, um soldado questiona que estão todos com fome e recebe de seu líder a ordem de matar um cavalo, não há essa encenação, pode ser que o cavalo morto por Che Guevara tenha servido de

25 O filme *Che – A Guerrilha* está disponível em: <<http://megafilmesonline.net/che-a-guerrilha-dublado/>> acessado em julho de 2016.

²⁶ *Mario Monje nació en 1929 en una familia campesina y era maestro de oficio. En 1950, junto a varias otras personas fundó el Partido Comunista de Bolivia. Luego logró graduarse de la Escuela Superior del Partido en Moscú y en 1954 ocupó el puesto del primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Bolivia. Desempeñaba un papel importante en los inicios de la guerrilla en su país.*
(Disponível em: <<http://www.pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/1031-disculpanos-mario-te-hemos-enganado-eran-las-palabras-del-che-la-entrevista-con-mario-monje-molina>> Acessado em: 12/08/16 às 08:43)

alimento para seu grupo.

Che está com grandes dificuldades respiratórias. Em relação a crise asmática ele diz:

Che – nossa situação é muito difícil nesse momento e mesmo que tenhamos cometido muitos erros, eu cometi o pior de todos os erros não trazendo meus remédios. Esse tipo de luta nos dá a oportunidade de nos tornarmos revolucionários no mais alto nível de toda a humanidade, de nos transformarmos em homens no sentido mais puro da palavra. (Che – A Guerrilha. Filme 2. Dir. Steven Soderbergh – 2008. 1:18:48”)

A dificuldade aumentava a cada momento, não só de sua doença asmática, mas principalmente de não ter o apoio dos camponeses, que ajudavam o exército boliviano. Ao final Che Guevara é ferido na perna e capturado, logo em seguida assassinado. O filme não encena a clássica frase: “Não disparem. Sou Che. Valho mais vivo do que morto” (SCHELP e TEIXEIRA, 2007, p. 82) conforme nos é apresentado na revista Veja de 2007. Até o momento de sua morte, o filme nos mostra um Che sem medo e “durão”, ao ver a arma apontada para seu peito, pediu ao soldado que atirasse, morrendo assim, de cabeça erguida. Enfim, ambas as partes nos apresenta uma imagem multifacetada de Che Guevara, ora humano e herói, ora descontrolado e doente.

Com os Che’s mostrados nos filmes, cabe agora discutirmos qual a importância disso tudo para a nossa pesquisa. O filme como recurso didático não é nenhuma inovação, porém, esse trabalho, em específico, poderá auxiliar ao professor num ensino sobre a Revolução Cubana, abrindo caminhos para uma discussão sobre um de seus membros no século XX – Che Guevara.

Espera-se que ao utilizar o filme, possamos trazer para os alunos diferentes formas de se ver o passado, capacitando-o para uma construção crítica dos fatos apresentados, para que ele, a partir do contexto da Revolução Cubana ou, ainda mais complexo, da América Latina, se torne capaz de discutir e de formar sua própria imagem de tudo que foi contextualizado, tendo o professor como mediador.

Propomos como objetivo geral a mudança no ensino de História, pensando como as imagens e os filmes podem trazer uma nova percepção da história de Che Guevara. A proposta é mostrar que o filme pode trazer uma nova percepção e

interpretação do personagem a partir das imagens, visto que temos os filmes como uma história tradicional, como já mencionado, contando a Revolução Cubana por grandes nomes e as imagens desconstrói tal forma de ensino, pois essa multiplicidade de imagens em relação a um mesmo personagem abre caminhos para a mesma história ser contada por diferentes vertentes.

O olhar diferente para os filmes faria o aluno possuir um pensamento mais crítico acerca da história enquanto disciplina, o levando a perceber que o passado seria construções de fatos contados por testemunhos conforme afirmou Ricoeur (1997), e que os períodos e a localidade das informações irão interferir no contexto a ser produzido. Nesse contexto, o aluno terá como base o professor que servirá como um mediador das discussões em sala de aula, para que leve o fato ao caminho das informações, porém não apresente em seus conteúdos uma história pronta e acabada, deixando apenas as informações suficientes e necessárias para que o próprio aluno formule seu ponto de vista.

Os filmes e as imagens contribuirão para a apresentação de diferentes visões em relação a um mesmo conteúdo. Partimos do pressuposto de que a História tradicional já não é tão bem vista nos dias atuais por parte dos professores. A forma de ensinar história utilizando variados recursos didáticos contribui para que o professor “saia da frente” e não utilize somente quadro e giz. Os filmes e as imagens entrarão em conflitos acerca de contextos, podendo ser resolvidos pelos próprios alunos.

Em meio a tantas visões em relação a um mesmo personagem, podemos propor, primeiramente, um questionamento da figura heroica de Che Guevara. A história nos possibilita de fazer interpretações, com isso as variadas imagens de Che, são construções de imaginários advindos em determinados tempos com determinadas crenças. Por isso, o professor tem um papel fundamental na formação do aluno, onde não existirá, para a História, uma única versão de fatos ocorridos no passado, cabe ao docente apresentar as partes das ideias existentes em relação aos fatos, para que o aluno possa fazer sua construção do assunto estudado.

Com várias faces e interpretações, não podemos negar que a Revolução Cubana de fato aconteceu. Nossa proposta então, consiste em não desconstruir a imagem heroica atribuída a Che Guevara, mas buscar fatos que sustentam o grau de

merecimento de ser considerado como tal. Com certeza ele não foi um guerrilheiro sozinho, porém se destacou em meio a tantos outros.

Outra vertente adotada em nosso trabalho é a de trazer o filme como uma representação de uma História tradicional, visto que ele apresenta um contexto que mostra a história contada por grandes nomes e “heróis”. Buscamos mostrar que a Revolução Cubana foi muito além de grandes nomes, foi um movimento de caráter um tanto popular/social.

As variadas faces de Che Guevara que nos permite notar que o próprio questionamento do personagem demonstra uma visão de um movimento mais coletivo. A história tradicional discute a Revolução Cubana embasada nas grandes figuras – Che Guevara e Fidel Castro – e a partir das imagens, busca-se desconstruir tal modo de estudo, para que o aluno seja capaz de criar seus próprios argumentos e fazer questionamentos críticos a esse contexto.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo principal propor uma ação didática em relação ao conteúdo da Revolução Cubana. Para que consigamos atingir nosso objetivo, utilizamos os filmes “*Che – O Argentino*” e “*Che – A Guerrilha*”, como fonte da história tradicional ainda muito trabalhada dos dias atuais. Utilizamos ainda algumas imagens em relação a Che Guevara com o intuito e desconstruir a história feita por protagonistas e apresenta-la de uma nova forma – todos fazem história.

O filme expressa muito além do que vemos, nos permitindo tirar conclusões em relação aos fatos históricos ocorridos. Vimos que o filme como recurso didático pode auxiliar o professor de História em sala de aula, mas para isso é preciso entender sua produção, seus objetivos e para qual finalidade e público alvo. As imagens em movimento nos possibilita uma nova visão de mundo, abrindo espaço para construções de pensamentos críticos e questionadores.

Para além do fato mais evidente de que o cinema – enquanto “forma de expressão cultural” especificamente contemporânea – fornece fontes extraordinariamente significativas para os estudos históricos sobre a própria época em que foi e está sendo produzido, outra relação fulcral entre história e

cinema pode aparecer por intermédio da dimensão deste último como 'representação'. O cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um 'meio de representação'. Por meio de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, seja um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme. Esta instância do cinema como meio de representação – e particularmente como meio de representação da história pelos chamados 'filmes históricos' – permite pensarmos o cinema, adicionalmente, como recurso para o ensino da própria história. Por fim, lembraremos também que o cinema é ele mesmo um "agente histórico" importante, no sentido de que termina por interferir na própria História de diversas maneiras – seja por intermédio de sua indústria, seja pela formação de opinião pública e de influências na mudança de costumes, seja por meio daqueles que dele se utilizam para objetivos diversos, como os próprios governos e os grupos sociais que, com a produção fílmica, impõem seus discursos, pontos de vistas e ideologias. (BARROS, 2011, p. 178).

Pode-se dizer que o aluno se lembrará com mais facilidade do filme do que as explicações orais, porém a partir das encenações e da mediação feita pelo professor, ele conseguirá fazer uma relação entre o conteúdo e o filme, sendo passível de criar suas próprias conclusões. Percebe-se que o filme traz diversas possibilidades de compreensão, pois cada pessoa faz sua interpretação, mas é no coletivo com o direcionamento do professor que os alunos poderão construir sua conclusão. Além disso, o filme possui diversas maneiras de ser trabalhado, não podendo ser visto como um mero instrumento de lazer.

Usando-se o cinema, os fatos, os episódios se materializam no pensamento, ou ainda, faz a própria construção do pensamento. Essa ressonância se dá justamente porque "os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais"²⁷. Sendo assim, a tecnologia, máxima atual que domina todos os setores das sociedades modernas, deve ser aproveitada de forma que ajude, que esclareça e que mostre caminhos viáveis na formação dos homens que procuram um saber infundável, mesmo que seja aqui, agora. (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2010, p. 112).

Os filmes são bons auxílio para o professor explicar o contexto a ser trabalhado em sala de aula. No caso de nosso trabalho a Revolução Cubana está sendo retratada por meio de dois filmes, dando ênfase ao personagem de Che Guevara, para assim mostrar aos alunos a forma tradicional de se trabalhar em sala de aula – história contada por grandes nomes/heróis.

Nosso objetivo foi o de propor uma ação didática, na qual sairemos da

²⁷ BLOCH, M. *Apologia da História*. Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 7.

história tradicional – do protagonismo – e passaremos a ver uma história construída por todos. A importância dessa nova história em sala de aula é fazer o aluno perceber que ele também é um agente construtor da História.

Enfatizamos um dos personagens da Revolução Cubana – Che Guevara – para mostrar que, apesar de o filme o trata-lo como herói, fica claro que ele não o é, pois as cenas mostram que ele tem asma, tem oscilação de humor e dificuldades/limitações como qualquer outro ser humano teria, mas o homem tem condição de lutar contra isso. A História é feita por todo mundo e não por grandes nomes ou heróis.

As várias imagens negativas em relação a Che Guevara podem ser mencionadas como uma desconstrução dessa figura ora tratada como heroica, porém um ser que possui milhares de imagens espalhadas pelo mundo e conhecido como guerrilheiro, pode demonstrar o desejo de uma pessoa por estar em um lugar melhor, possuindo a tentativa de atingir o ápice sem fraquejar ou desistir.

A partir de então, podemos colocar os alunos frente a duas interpretações diferentes em relação ao contexto da Revolução Cubana, mostrando assim, que a história não é permanente. Os planos de aula em anexo, nos permitirão realizar tais formas de se ensinar História com os alunos, levando em consideração o que eles já conhecem sobre o assunto.

Escolhemos a história da América Latina – Revolução Cubana – e apenas um de seus personagens – Che Guevara – por se tratar de um assunto considerado recente e por ainda estar diretamente ligado ao imaginário de grande parte da população. O desejo de aprimorar o ensino de história está ligado ao fato de o este atualmente ser tratado como segundo plano, visto que a maioria das pessoas trabalha e estuda ao mesmo tempo, dando mais importância ao trabalho, pois é a forma que se sustenta.

Notamos que alguns alunos possuem certo desinteresse com a educação, em especial a área de humanas – enfatizando a História. Talvez essa nova forma de compreensão do passado com a utilização de alguns recursos didáticos, os façam perceber o quão importante é entender o nosso passado e, o quão importante seria formarmos pessoas capazes de possuir pensamentos críticos e questionadores, os

fazendo perceber que também são agentes diretos criadores da história. Façamos os alunos perceberem que a história é construída por todos, inclusive por eles.

ANEXO I

PLANO DE AULA

TEMA: A Revolução Cubana: uma história contada pelo povo

OBJETIVOS

GERAL: Mostrar aos alunos uma nova forma de se estudar história utilizando recursos didáticos variados, por exemplo – filmes.

ESPECÍFICOS:

- **Ressaltar que a Revolução Cubana vai além de uma revolução contada por grandes nomes.**
- **Apresentar aos alunos a forma de ensino tradicional e o que pode ser feito para muda-la.**
- **Indicar referências (bibliográfica, biográfica e fílmica) que ressalte uma história de caráter popular ocorrido em Cuba de 1959.**
- **Utilizar o filme como recurso didático capaz de desenvolver a consciência crítica por parte dos alunos.**

CONTEÚDO

A Revolução Cubana.

Duração

4 aulas de 50 minutos cada

Recursos Didáticos

- Quadro Negro e Giz;
- Datashow;
- Computador;
- Filmes;
- Livro Didático.

METODOLOGIA – Aula 01

No primeiro momento será discutida com os alunos a contextualização da Revolução Cubana pelo método tradicional e inovado, dando início à variedade de imagens construídas em relação a Che Guevara – personagem escolhido para mostrar caminhos diferentes de se estudar História, enfatizando que esta não é permanente. O objetivo será o de apresentar aos alunos, de forma geral, o conteúdo sobre a Revolução Cubana contido no Livro Didático, os deixando perceberem, no decorrer das aulas seguintes, se o conteúdo está sendo apresentado de forma satisfatória dando a devida significação que ele merece para o ensino e para compreensão dos fatos em dias atuais. O intuito de apresentar, já nesse primeiro momento, as variadas faces de Che, se dá devido a compreensão da construção da História por seres humanos, deixando claro aos alunos que, apesar de ele ser tratado como uma figura heroica ou assassina, acima de tudo ele foi um ser humano construtor da história, como todos nós somos.

Ao final da primeira aula, será pedido para que os alunos, com suas palavras, escreva o que foi a Revolução Cubana.

Aula 02

Na segunda aula serão apresentadas as apropriações entre “direita” e “esquerda” embasando em Bobbio (1995), para que ao discutir os interesses do povo e do governo em Cuba o aluno esteja a par dos interesses que estão sendo defendidos. Iniciaremos explicando, a partir da Revolução Francesa, como surgiram ambos os termos e quais os ideais que eles defendem. Faremos ainda, uma explanação nos dias atuais apresentando – dentro do quadro político – quais os partidos que são considerados de direita, de esquerda, de centro, de extrema-direita e de extrema-esquerda, para que assim, o aluno consiga entender os períodos estudados pela história não só do passado mais também dos dias atuais. O objetivo é o de fazê-los compreender, além do conteúdo, como se deu as construções de variadas imagens em relação a um mesmo sujeito – Che Guevara, ressaltando o período de suas criações e as classes em que estão sendo inseridas.

Ao final desta aula, será perguntado ao aluno, respeitando os conhecimentos que ele possui extraclasse, a que classe partidária ele se “encaixa”.

Aula 03

Nesta terceira aula iremos apresentar, de forma editada, os filmes: *Che – O Argentino* e *Che – A Guerrilha*, ambos do ano de 2008 sob a direção de Steven Soderbergh. O intuito será o de apresentar a História da Revolução Cubana de forma tradicional, na qual o filme apresenta imagens que exaltam a figura de Che Guevara. Porém, em meio às cenas o professor irá mediar e chamar a atenção dos alunos para que notem a presença dos camponeses que lutaram em prol de sua libertação, mostrando que Che era um dos líderes do movimento, mas que não lutou sozinho em momento algum.

Ao final desta aula, será feito um diálogo geral sobre as várias faces de

Che e da Revolução Cubana, pedindo que o aluno “adote” e escreva uma imagem final dessa representação sobre o movimento.

Aula 04

Para finalizar, na quarta aula será apresentada a Revolução Cubana a partir dos filmes, das imagens e do livro didático de forma geral. Deixando para os alunos formas diferentes de ver a História enquanto disciplina, bem como os fazendo perceber que são também construtores da História.

Nessa aula final, escutaremos dos alunos sua visão em relação à Revolução Cubana e enfatizaremos mais uma vez que foi uma luta da massa popular e não só de poucos, de grandes nomes.

AValiação Final

Pedir uma produção de texto aos alunos, fazendo a relação entre os filmes e as imagens expostas e o contexto explanado, na qual apresente sua própria conclusão em relação à História da Revolução Cubana feita pelo povo e liderada por um dos personagens – Che Guevara.

REFERÊNCIA BASE

SADER, Emir. **A revolução cubana**. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

GUEVARA, Ernesto Che. **Diário de um Combatente**. (tradução: Dafne Melo). São Paulo: Planeta, 2012.

GUEVARA, Ernesto Che. November – december, 1956. In: FRANQUI, Carlos (org.). **Diary of the Cuban Revolution**. (translate by: Georgette Felix, Elaine Kerrigan, Phyllis Freeman e Hardie St. Martin). New York: The Viking Press, 1980, p. 125.

GUEVARA, Ernesto Che. **Textos Políticos**. 4ª. Ed. (tradução: Olinto Beckerman). São Paulo: Global, 2009.

GUEVARA, Ernesto Che & CASTRO, Raúl. **Os Diários Inéditos da Guerrilha Cubana: Rumo à Sierra Maestra**. (tradução: Alberto Moby e Luiz Ricardo Leitão). Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

Livros Didáticos:

BRAICK, Patrícia Ramos & MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 3ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2007.

VICENTINO, Cláudio & DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Filmes:

“Che – o Argentino” (2008). Dirigido por Steven Soderbergh.

“Che – a Guerrilha” (2008). Dirigido por Steven Soderbergh.

Revista Veja:

HARAZIM, Dorrit. O Triunfo Final de Che. In: **Revista Veja**. Edição 1503, ano 30, nº. 27. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1997, p. 88- 97.

SCHELP, Diogo & TEIXEIRA, Duda. Che: há quarenta anos morria o homem e nascia a farsa. In: **Revista Veja**. Edição 2028, ano 40, nº. 39. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2007, p. 82- 92.

Estudos:

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

AYERBE, Luís Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. il. –

(Coleção Revoluções do século XX).

BESANCENOT, Oliver & LÖWY, Michael. **Che Guevara: uma chama que continua ardendo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002.

CASTAÑEDA, Jorge G. **Che Guevara: a vida em vermelho**. Tradução Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa**. São Paulo: Alameda, 2013.

DIAS, Mauricio; CEREGHINO, Mario J. **Relatório da CIA, Che Guevara: documentos inéditos dos arquivos secretos**. Tradução de documentos originais Roberta Barni, Luciano Munhoz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Traduzido por: Gilson Cesar Cardoso de Souza. Edusp, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes & FRANCO, Renato. **Aprendendo História: Reflexão e Ensino**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. 2ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KARNAL, Leandro. Introdução. In: **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 07-14.

MISKELL, Peter. Os historiadores e o cinema. In: LAMBERT, Peter (org.) & SCHOFIEL, Phillipp (org.). **História: introdução ao ensino e à prática**. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 282 – 293.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. 5ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, nº.29, p. 9-27. 1995.

PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História Prazerosa e Consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 17-36.

*RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas-SP: Papyrus, 1997.*

SADER, Emir. **Cartas a Che Guevara: o mundo trinta anos depois.** 3ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SADER, Emir. **A revolução cubana.** 5ª Ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. **O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952 a 1958).** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2009.

TAVARES, Flávio. **Meus 13 dias com Che Guevara: (o homem-mito que conheci e retratei).** 2 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Sites:

AFP. **Fidel encontra Maradona em Cuba.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/fidel-castro-encontra-maradona-em-havana.html>> Acessado em: 24/07/16.

BARROS, José D'Assunção. "Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas". In.: **Comunicação & Sociedade.** Rio de Janeiro: vol.32, nº.55, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2324/2504> acessado em: 30/10/2016.

BORGO, Érico. **Crítica: Che – Steven Soderbergh busca o Ernesto de la Serna Guevara por trás do mito.** 2008. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/che/?Key=37059>> Acessado em: 23/07/2016.

CANÔNICO, Leandro. **Com Che na pele, Maradona está prestes a chegar à terra natal de seu ídolo.** 2009. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/Eliminatorias/0,,MUL1290582-9833,00COM+CHE+NA+PELE+MARADONA+ESTA+PRESTES+A+CHEGAR+A+TERRA+NATAL+DE+SEU+IDOLO.html>> Acessado em: 27/09/16.

CANTINI, Marcos Cesar (et all). **O Desafio do Professor Frente as Novas Tecnologias.** 2006. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-081-TC.pdf>> Acessado em: 27/07/16.

FONTOVA, Humberto. **O Verdadeiro Che Guevara.** 2009. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=260>> Acessado em: 02/11/16.

GANDOLFE, Lucas. **O Assassino Che Guevara: Retrato de um Covarde**. 2015. Disponível em: <<http://www.vistadireita.com.br/blog/o-assassino-che-guevara-retrato-de-um-covarde/>> Acessado em: 02/11/16.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 1848. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>> Acessado em: 27/07/16.

MATOS, Guilene. **A Trajetória de uma Mito**. 2008. Disponível em: <<https://guilenematos.files.wordpress.com/2008/10/a-trajetoria-de-um-mito-chamado-che.pdf>> Acessado em: 27/07/16.

OLIVEIRA, Johnn Alex G. de; ALMEIDA, Ivete B. S. **O cinema como ferramenta didática e sua contextualização com o ensino**. In: REVISTA FATO&VERSÕES – ISSN: 1983-1293 – V. 2 / N. 4 – JUL. DEZ. 2010 – Curso de História.

PÉREZ, Manolo Monereo. **Che Guevara: Contribuição ao Pensamento Revolucionário**. 2001. Disponível em: <http://www.ftmrs.org.br/arquivos/file_512fc2db55732.pdf> Acessado em: 25/07/16.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Che, de Steven Soderbergh**. 2014. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2014/08/01/che-de-steven-soderbergh/>>. Acessado em: 23/07/2016.

PINTO, João. **Crítica – Che – Guerrilha (2008)**. 2009. Disponível em: <<http://www.portal-cinema.com/2009/04/critica-che-guerrilha.html>>. Acessado em: 23/07/2016.

RODRIGUES, Anna Carolina. **Quem foi Che Guevara?** Foi um revolucionário que ajudou a instaurar um novo regime político - unipartidário e socialista - em Cuba, que dura até hoje. 2016. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-foi-che-guevara/>> acessado em: 24/07/16.

SOUZA, Isabel Maria Amorim de. SOUZA, Luciana Virgília Amorim de. **O Uso da Tecnologia como Facilitadora da Aprendizagem do Aluno na Escola**. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1784/1573>> Acessado em: 03/08/16.

STEINSLEGER, José. La Jornada. 2010. Disponível em: <http://la-isladesconocida.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html> Acessado em: 29/10/16

THOALDO, Deise Luci P. B. **O Uso da Tecnologia em Sala de Aula**. 2010. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/04/O-USO-DA-TECNOLOGIA-EM-SALA-DE-AULA.pdf>> Acessado em: 03/08/16.

VANINI, Eduardo. VASCONCELLOS, Fábio. **Enem 2014: Índice de docentes do Ensino Médio sem formação adequada chega a 40%**. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-2014-indice-de-docentes-do-ensino-medio-sem-formacao-adequada-chega-40-17111208>> Acessado em: 26/07/16.